

RUA LARGA

revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 48
abril 2017

quem somos?

19.^a semana
cultural
universidade
de coimbra

RUA LARGA

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1700 ex.

ISSN
1 6 4 5 - 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Pormenor do *mais antigo rosto humano de Coimbra*,
Coleção do Museu Municipal Santos Rocha, Figuei-
ra da Foz

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL
Quem somos? Do mundo e para
o mundo – P.04
João Gabriel Silva

**REITORIA EM
MOVIMENTO**
Ser quem somos – P.06
Clara Almeida Santos

**OFICINA DOS SABERES
IMPRESSÕES**
Orquestra Académica da Universidade
de Coimbra – P.12
André Granjo

Kind of Blue Arquitetura efémera
na Rua Larga – P.14
*António Bettencourt, Pedro Maurício Borges,
Duarte Miranda e Vicente Nequinha*

Há Baixa – P.16
Projeto Há Baixa

UpCycle na Universidade
de Coimbra – P.18
*António Barros, Sara Baptista e Joana Tereso,
Projeto de Imagem, Media e Comunicação*

Os 300 anos da Biblioteca Joanina – P.22
José Augusto Cardoso Bernardes

RIBALTA
Universidade de Coimbra:
Património de Humanidade – P.31
Inês Coelho

CIÊNCIA REFLETIDA
Coimbra dum tempo ignoto – P.40
Raquel Vilaça e Sara Almeida

**AO LARGO
ENTREVISTA**
Madalena Victorino – P.40
Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Paulo Bernardino – P.54
Marta Poiares

CRÓNICA
As histórias já não começam com
“era uma vez...” – P.56
Maria Jorge Ferro

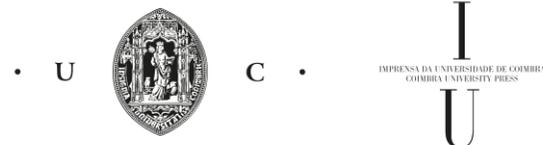
CRIAÇÃO LITERÁRIA
Queria que fossemos como ele
a dançar – P.63
Maria João Lopes

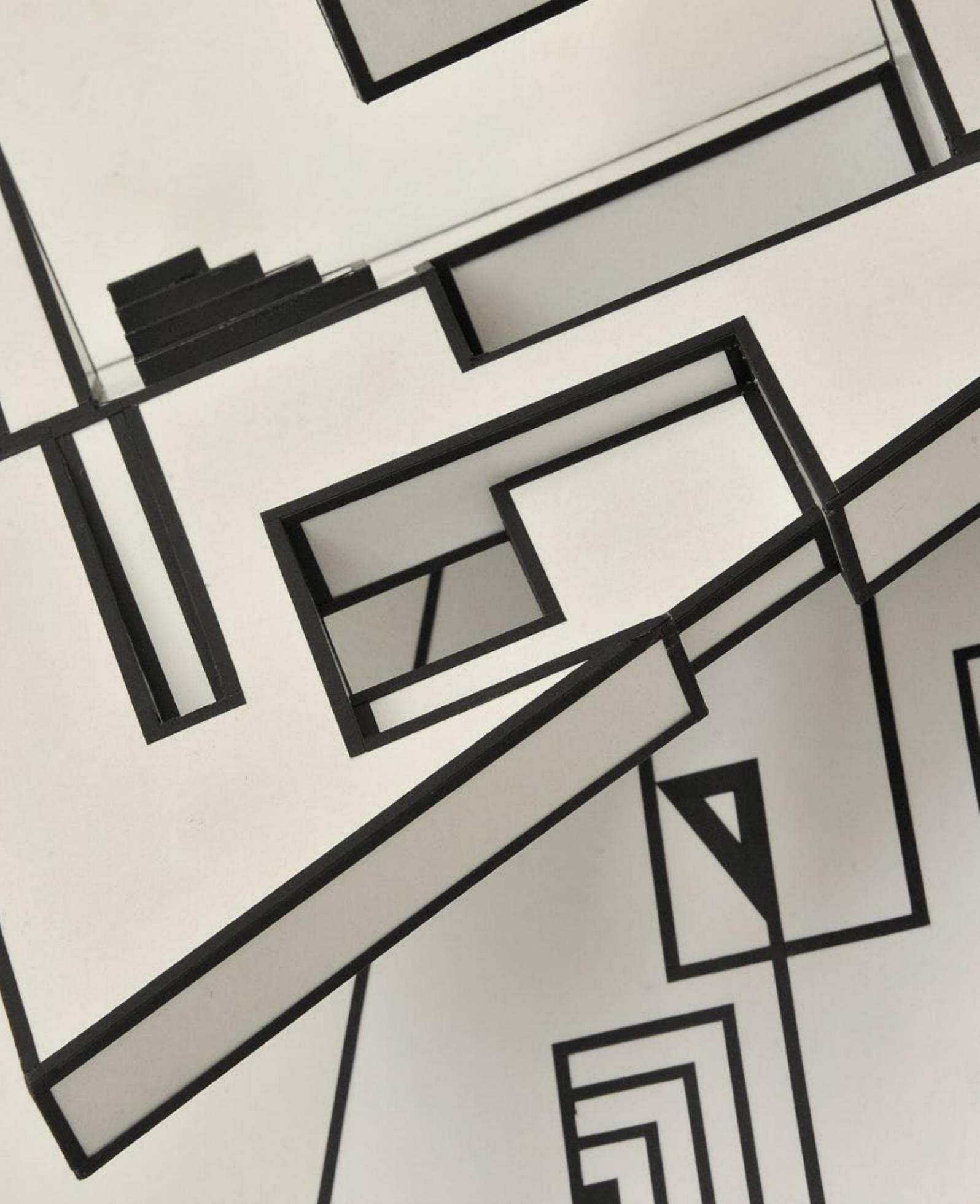
LUGARDOS LIVROS
Patrimónios alimentares
de aquém e além-mar – P.64

Imprensa da Universidade de Coimbra
Livros 19.ª Semana Cultural da
Universidade de Coimbra – P.65
Livros – P.66
Revistas – P.67

**APOCALÍPTICOSE
INTEGRADOS**
Apocalíptico
Publicar em português – P.70
Maria Antónia Lopes

Integrado
Publicar em língua estrangeira – P.72
José Pedro Paiva





QUEM SOMOS? DO MUNDO E PARA O MUNDO

Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Je est un autre – Galeria do Departamento de Arquitectura da FCTUC

A Universidade de Coimbra (UC) nunca foi local. Mesmo no início, muitos professores vinham de longe e os estudantes já praticavam o Erasmus, numa itinerância típica dos estudos gerais medievais, entre Salamanca, Paris, Bolonha e Oxford, e muitas outras escolas que já não existem. Mais tarde, Pedro Nunes, primeiro catedrático de Matemática da UC, construiu muita da teoria da navegação marítima planetária, e o *Cursus conimbricensis* da escola jesuíta de Coimbra foi talvez o primeiro conjunto de manuais universitários verdadeiramente globais. A ciência dos missionários que partiam de Coimbra, de muitas nacionalidades diferentes, espalhou-se por todo o mundo, em particular pelo Oriente, do Golfo Pérsico ao Japão. O iluminismo pombalino construiu novos países, a arquitetura

legal construída em Coimbra inspirou tantas gentes, organizou tantas sociedades. Já no nosso tempo estamos na origem do programa Erasmus, construído a partir dos princípios iniciadores do Grupo de Coimbra de Universidades Europeias, temos uma das melhores incubadoras de empresas de base tecnológica do mundo, que nos coloca a participar na construção de satélites, a detetar fraudes bancárias, a estudar células estaminais, entre imensas outras aplicações para o mundo. Somos a única universidade portuguesa que produz fármacos para mercado nacional e internacional, e trabalhamos com o maior hospital português, o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, procurado por gente de muitos e diversos lugares. Somos globais, não podemos encarar-nos de outra forma. A língua portuguesa, para cuja evolução tanto

contribuímos, é ela própria uma língua cada vez mais planetária. Não há melhor local para a estudar e aprender do que na Universidade que a acompanha desde a sua origem: a nossa. Gente de todas as proveniências procura-nos também por causa dela. Já temos já a maior percentagem de estudantes não nacionais das universidades portuguesas, somos parte do imaginário cultural por todo o mundo, somos património da humanidade. Somos a maior universidade brasileira fora do Brasil. Somos relevantes para o país e para a nossa região porque somos globais, e sê-lo-emos cada vez mais quanto mais globais formos. *Go global, stay local.* O mundo tem a nossa marca. Nós temos a marca do mundo.

João Gabriel Silva
Reitor da Universidade de Coimbra

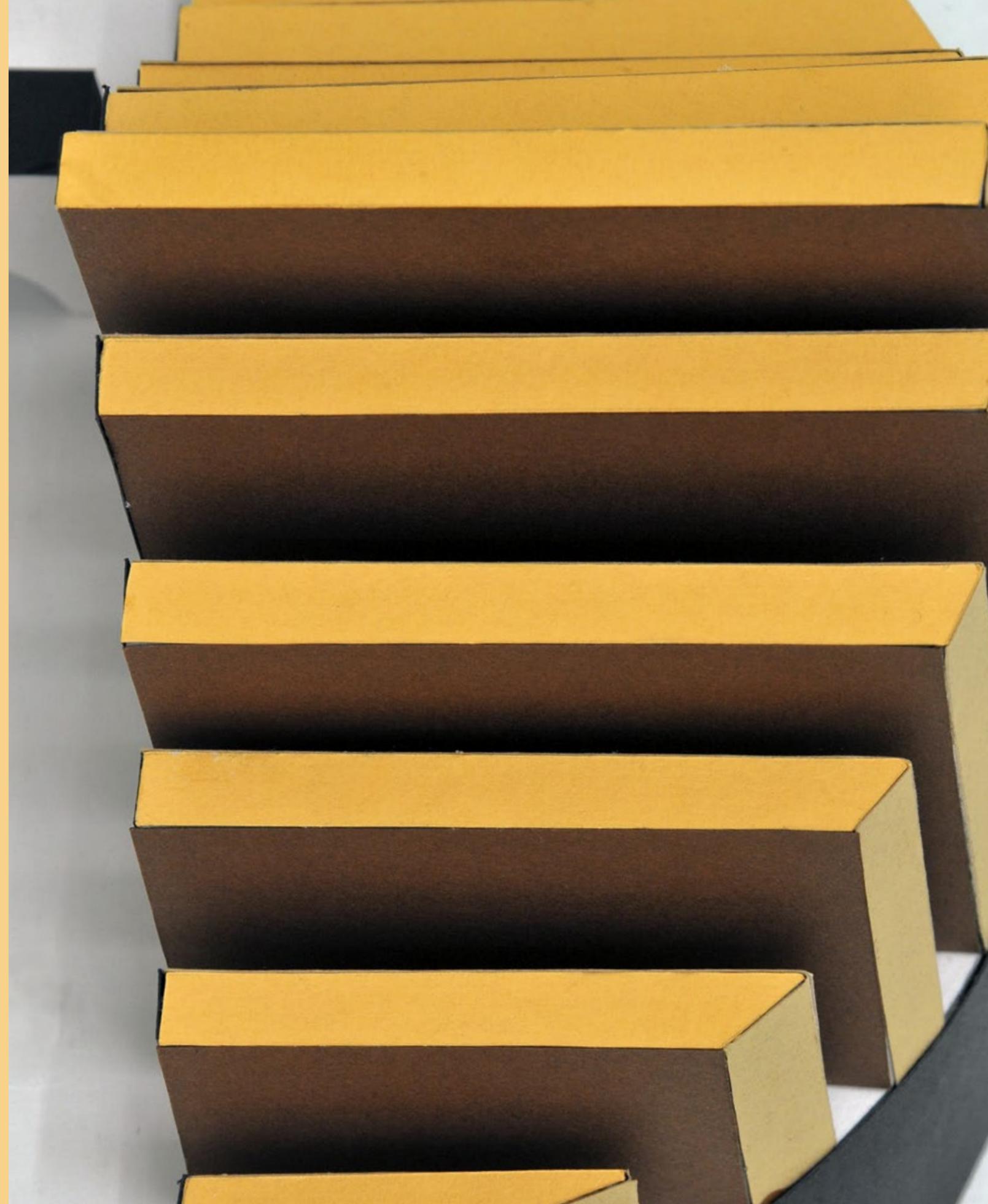
ser quem somos

CLARA ALMEIDA SANTOS *

Por muitos motivos – também dados como provados pela variada e rica oferta de iniciativas – o tema deste ano da Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) – “Quem Somos?” – toca num dos pontos sensíveis, muito sensíveis, do nosso tempo. Arrisco até dizer que é um dos pontos sensíveis de todos os tempos, de toda a história da humanidade na história de cada um de nós, em vários momentos.

Mas proponho que nos centremos apenas no tempo presente, como quem arrisca um instantâneo da questão da identidade hoje. A própria palavra “identidade” encontra-se carregada de camadas – definimo-nos por aquilo que fazemos, pelos papéis sociais e familiares que desempenhamos, pela profissão que temos, por aquilo em que acreditamos, pelo que damos e pelas causas pelas quais nos entregamos. Mas também nos definimos em função do que não somos, daquilo que escolhemos não ser e daquilo que repudiamos. A identidade é sempre definida de forma positiva e de forma negativa, frequentemente por oposição ou por comparação.

Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Je est un autre – Galeria do Departamento de Arquitectura da FCTUC





Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Je est un aître – Galeria do Departamento de Arquitetura da FCTUC

A reflexão sobre a identidade de algo é tanto mais interessante quanto mais complexa é a realidade sobre a qual refletimos. E é claro que a UC não pode escapar a esta análise quando ela própria a propõe. Claramente, não é um exercício fácil. Talvez seja útil ver como a UC é vista, é definida a partir de fora.

Há muitas pessoas que apenas veem a UC como a mais antiga de Portugal, aquela que tem mais tradição e pergaminhos. A essa ideia vem frequentemente agarrada uma imagem de imobilidade, de pó. E, no entanto, “ela” move-se e tem sabido manter-se relevante em muitas áreas. Há quem veja a Universidade como encerrada na sua torre de marfim, nos seus preconceitos e na sua arrogância. E há quem nunca se aproxime para ver melhor, para ver de perto.

Há quem veja uma Universidade em marcha, a responder aos desafios do presente com determinação e ousadia, conciliando o que muitos reputam de inconciliável – legado e futuro (será assim tão inconciliável?).

Mas a Universidade também se define a si própria, nos seus estatutos, no elenco das suas missões (comuns a tantas universidades), na importância atribuída em diferentes momentos a cada um desses pilares. Define-se pelas suas unidades orgânicas e pela organização dos saberes. Define-se pelos seus professores, técnicos e estudantes. Cada um de nós é uma célula deste organismo: cada coisa que fazemos influencia o todo, em menor ou maior grau, mas influencia decididamente. O próprio discurso que construímos sobre a Universidade a influencia de forma determinante. Uma coisa é segura e incontestável – é difícil ficar indiferente quando o tema é a UC. Defendendo ou criticando este ou aquele aspeto, muitas vezes de forma acesa, que o tema é mobilizador.

Procurar a identidade é também fazer perguntas. Pode a UC eximir-se de ter papel significativo além do ensino, da investigação, da transferência do conhecimento e da internacionalização (já defendida por Fernando Seabra Santos e Naomar de Almeida Filho como a quarta missão universitária)? Com o peso que tem na cidade e na região, pode eximir-se, por exemplo, de um profundo compromisso cultural? A Semana Cultural – que dura oito semanas e que talvez tenha de rever também a sua marca identitária – é uma das respostas a essa questão. Depois de cerca de 80 iniciativas que mobilizam na sua produção mais de 400 pessoas, sobretudo de dentro, mas também de fora da UC, terminamos com um evento a que chamamos “Somos UC”. O nome já foi usado numa mostra da oferta formativa da instituição. Retomamo-lo para celebrar a pertença a esta casa que é também um pouco de quem somos.

*Vice-reitora da Universidade de Coimbra

9

OFICINA DOS SABERES
impressões

Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra
Camalóaticas – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra



ORQUESTRA
ACADÉMICA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

ANDRÉ GRANJO *

O nascimento da Orquestra Académica da Universidade de Coimbra (OAUC), resultante da parceria entre a Tuna Académica da Universidade de Coimbra (TAUC) e a Reitoria da Universidade de Coimbra, veio criar uma nova valência cultural cujo objetivo se centra, sobretudo, na interpretação de música sinfónica, recorrendo ao potencial musical atualmente disponível no seio da comunidade académica de Coimbra.

A OAUC é, assim, um projeto que pretende congrega atuais, antigos e futuros estudantes da Universidade, bem como docentes e não-docentes, que ao longo da sua vida foram conciliando o seu percurso escolar com a aprendizagem de um instrumento musical, tanto numa perspetiva de realização e de enriquecimento pessoal como, alguns, na perspetiva de deixar em aberto a opção por uma carreira profissional na música.

Quem olha para este nascimento como observador externo pensará porventura que se tratou de uma feliz coincidência... E foi! Acontece que, quase sempre, as coincidências resultam de trabalho árduo e de perseverança perante obstáculos e inércias.

Recuemos ao número 16, de 1 de agosto de 1958, de uma outra *Rua Larga*, para ler o que Alves Ferreira, na época Maestro da TAUC e Professor Assistente da Faculdade de Ciências, dizia sobre o estado da prática musical instrumental no seio da Academia: “Dadas as dificuldades inerentes a todo o conjunto orquestral [...], a Tuna não cumpre de forma absolutamente satisfatória a sua missão artística [...] por causas que posso sintetizar nas premissas seguintes: a) Falta de elementos quer numericamente quer com

maturidade artística; b) Falta de continuidade. Na verdade, para que a TAUC fosse aquele organismo que tanto desejaríamos, seria necessário que ela tivesse – à semelhança do que acontece com os diversos grupos corais da Academia de Coimbra – um número de inscrições que ultrapassasse o fixado para o seu quadro efetivo, o que permitiria uma escolha [...]”. Esta prática musical no seio da Academia era algo muito anterior a Alves Ferreira, que provavelmente sempre existiu, seja através de grupos informais dos quais pouco se sabe, ou de agrupamentos formais como, no séc. XIX, a Orquestra do Teatro Académico e posteriormente a TAUC. A Tuna sempre teve, por força da sua constituição instrumental, uma prática de repertório eclética, e Alves Ferreira entendia que, paralelamente, poderia existir uma outra formação orquestral que abordasse exclusivamente o repertório dito clássico. Por isso, criou a Orquestra de Câmara da TAUC que se dedicava a interpretar obras de Bach, Mozart, Haydn, entre outros, e que atuava complementarmente à Tuna.

A Orquestra de Câmara da TAUC teve uma vida efémera, mas a vontade que ela representava cruzou várias gerações de Tunos e de diretores artísticos. A última tentativa de criar uma estrutura semelhante aconteceu durante o reitorado de Fernando Rebelo e, apesar de bem encaminhada, acabaria por se gorar com o seu pedido de demissão em 2002. Foi preciso esperar mais uma dúzia de anos para que se tentasse levar de novo a cabo esta empreitada. Para a “coincidência” contribuíram empenhados corpos diretivos da TAUC, uma Reitoria sensível e aberta à ideia, e um conjunto de dezenas de potenciais instrumentistas no seio da Academia.

Apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Português do Desporto e da Juventude iniciava-se, a 18 de setembro de 2016, o “I Estágio de Orquestra” que culminaria com o concerto inaugural da OAUC, realizado no Teatro Académico de Gil Vicente, a 25 de setembro do mesmo ano. Nele interpretaram-se obras de Joly Braga Santos, Frederico de Freitas, Sérgio Azevedo e Luís de Freitas Branco, sob a direção dos Maestros André Granjo e Leandro Alves, e tendo como solista o trompetista Luís Granjo, antigo membro da TAUC.

Passado este momento inaugural, o desafio da continuidade passou agora pela celebração do dia da Universidade de Coimbra (UC) que abriu a 19.^a Semana Cultural e que, perante a proposta temática “Quem somos?”, procurou uma resposta multifacetada..

O nosso ser lutador e perseverante, conquistador e perene, está espelhado em *Almourol*, um pequeno poema sinfónico do compositor açoriano Francisco de Lacerda (1869-1934), que evoca o velho castelo sobranceiro ao Tejo.

O nosso ser trovador, que canta as suas tristezas profundas ou a eterna vontade de ser feliz, espelha-se nas *Trovas*, também de Lacerda, que contou com a colaboração da Soprano Carla Caramujo (ex-aluna da UC). Estas não devem ser ouvidas, no dizer de Afonso Lopes Vieira, que escreveu as notas de programa da estreia da obra, “[...] como adaptações de canções populares ou estilizações de temas, mas como lindas e comovedoras amostras de um vasto Cancioneiro para o Povo, gente nossa do mar, da serra ou da campina, não criadora direta da obra de arte, mas sua inspiradora pela esparsa sugestão da alma no ambiente”. Como membros desta Academia, todos somos um pouco Zeca Afonso (1929-1987): todos admiramos a sua capacidade criativa que transporta a sua produção musical para lá da “simples” e datada canção de intervenção. As roupagens “sinfónicas” com que o compositor José Firmino vestiu *Balada de outono* e *Traz Outro Amigo* deixam-nos partilhar o palco com os nossos colegas do Orfeon Académico e do Coro Misto da UC para mostrar um outro trovar.

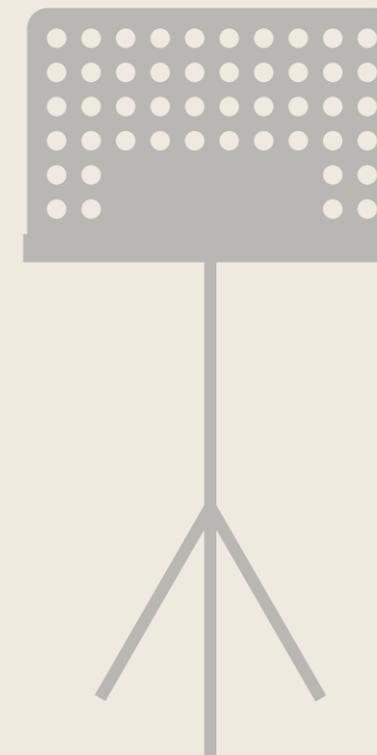
O bailado *Alfama*, de Joly Braga Santos (1924-1988), retrata a vivência comunitária de tantos bairros do nosso país, com os seus vistosos arraiais e a hospitalidade genuína que ainda caracteriza muitas das nossas comunidades. Nesta música somos tradições festivas, de convívio e de partilha em sociedade.

Somos, também, parte de uma sociedade dita Ocidental, herdeiros de uma tradição musical que se construiu nos grandes centros culturais da Europa durante séculos. Gustav Holst (1874-1934) foi um dos compositores que contribuíram para enriquecer esse tesouro comum. A sua portentosa

suite orquestral *The Planets, Op.32* é um marco na produção musical do séc. XX e dela escolhemos dois dos sete poemas sinfónicos que a compõem: *Marte – o portador da guerra* e *Júpiter – o portador da alegria*. Neles está espelhada a capacidade que temos de olhar o mundo, de nos deslumbrarmos com ele, de o descrevermos e interpretarmos (verdade seja dita que a visão em que Holst se baseia para caracterizar os planetas não é a da Astronomia, mas antes a do misticismo e da Astrologia!).

É esta proposta musical sobre “Quem somos?” que compôs o concerto que a OAUC preparou para este dia da UC. Esperamos que tenha sido apenas o segundo de muitos, assim o queira a Academia de Coimbra no sentido lato. Como todos os agrupamentos académicos, também a OAUC está sujeita à volatilidade e mobilidade dos seus elementos. Será necessário um continuado esforço por parte de todos para que a “coincidência” se prolongue, sempre apoiada por todos os que gostam de ouvir e fazer música.

* Diretor da Orquestra Académica da Universidade de Coimbra



Kind of Blue

Arquitetura efémera na Rua Larga

1. Concurso

António Bettencourt, Pedro Maurício Borges *

No final de 2015, por iniciativa da vice-reitoria para a Cultura, Comunicação e Património, sob coordenação de Clara Almeida Santos, o Departamento de Arquitetura (Darq) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra foi exortado a participar na Semana Cultural da Universidade de Coimbra (UC) através da conceção de um pavilhão para acolher eventos culturais e científicos.

Aceitando o repto, o Darq, através do seu Centro de Estudos em Arquitetura (Cearq), promoveu um concurso de ideias entre os alunos. Após a estabilização do “lugar” para implantar o pavilhão sob o espaço coberto entre os edifícios das Físicas e das Químicas, à ilharga da Rua Larga, o programa do concurso estabeleceu quatro premissas para a definição do objeto arquitetónico a conformar: o pavilhão deveria funcionar como montra da Semana Cultural e acolher no seu interior 50 lugares sentados para assistir a debates, leituras, palestras e atividades afins; deveria, igualmente, integrar na sua génese a dimensão do efémero – o seu tempo de vida útil seria de 60 dias –, de se constituir como uma estrutura autoportante e de corresponder a um processo de construção de baixo custo. Na sequência dos princípios de projeto referidos, a qualidade do desenho, a exequibilidade e a economia da construção surgiram naturalmente como principais critérios de avaliação.

Na qualidade do desenho avaliaram-se a relação do objeto com o contexto, bem como as qualidades formais do objeto e espaço propostos.

Na exequibilidade avaliou-se o custo e a estabilidade estrutural da construção e a relação entre esforço construtivo e caráter compositivo do objeto arquitetónico resultante. Na economia pontuou-se a relação custo/benefício da solução.

Concorreram 25 alunos agrupados em 11 propostas. Estas foram explicadas pelos autores, debatidas numa sessão aberta a toda a comunidade académica e apresentadas numa Exposição no Darq que integrou a 18.ª Semana Cultural.

A proposta vencedora, que a seguir se apresenta, foi desenvolvida e pormenorizada pelos alunos sob a tutoria do Cearq. Para a construção, solicitou-se o apoio técnico e de produção do Serviço de Gestão do Edificado, Segurança e Ambiente (SGESA).

Além do valor pecuniário que receberam, o verdadeiro prémio dos alunos finalistas do Darq Duarte Miranda e Vicente Nequinha será ver construída a sua primeira obra.

* Alunos finalistas do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

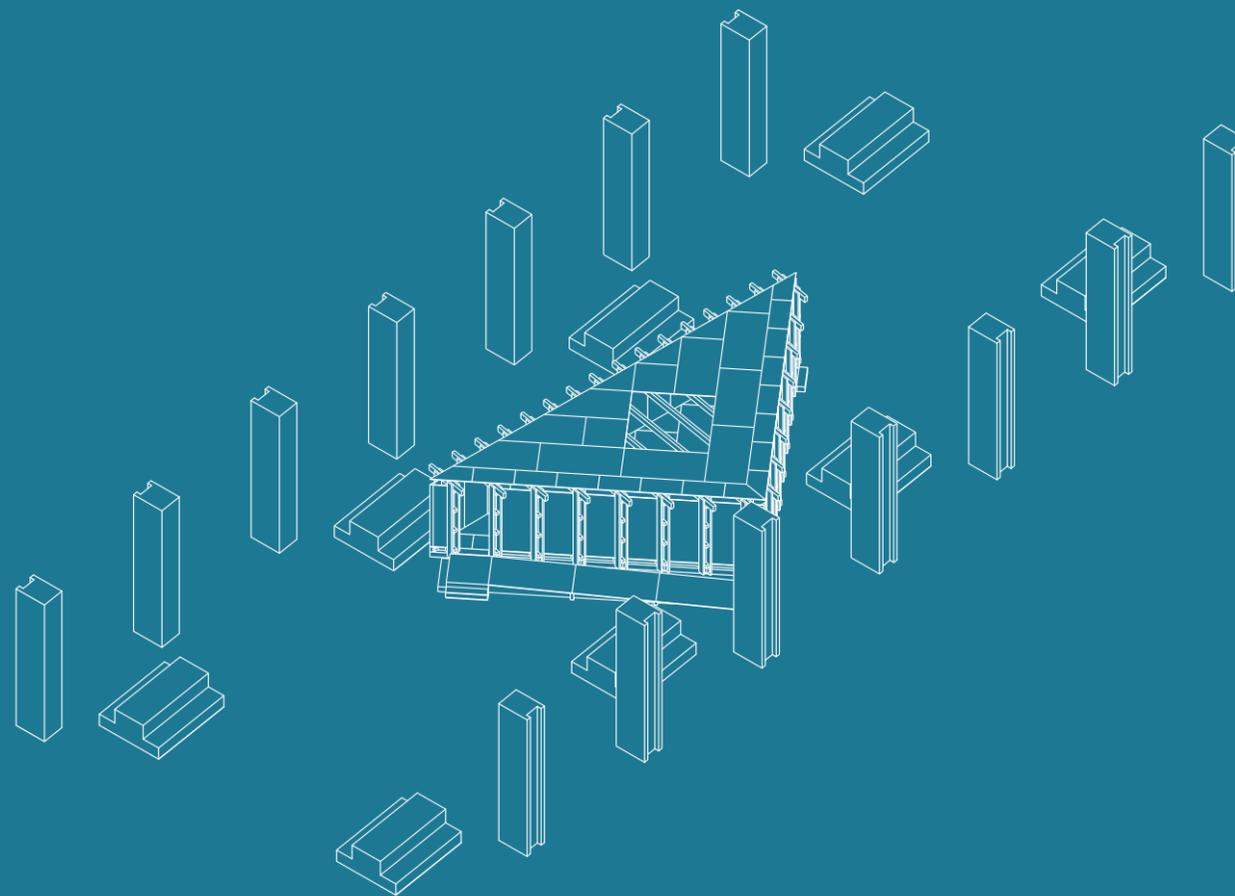
2. Projeto

Duarte Miranda, Vicente Nequinha **

O átrio dos departamentos de Física e Química da UC foi construído sob os ditames ditatoriais do Estado Novo. A rigidez e a lisura que o compõem refletem-se tanto na estrutura urbana como nos edifícios. Deste modo, o projeto do pavilhão procura desconcertar essa condição. O programa passa pela conceção de um espaço de 50m² para acolher os eventos da Semana Cultural da UC. Este espaço, delimitado por uma forma triangular, além de conciso, surge também como reação à dureza do contexto urbano.

O sistema construtivo encontrado pretende, assim, materializar as anteriores premissas. Perante o orçamento reduzido e a efemeridade da construção, a madeira apresenta-se como o material de construção viável. Leve, barato e modular, possibilita uma assemblagem rápida e é suscetível a possíveis alterações, naturais de uma obra deste cariz. O sistema de gaiola permite, assim, construir múltiplas variações e agilizar o processo de corte em oficina e de montagem no local.

** Alunos finalistas do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra



Projeto desenvolvido pelos alunos finalistas do Darq Duarte Miranda e Vicente Nequinha, em colaboração com os Professores Arquitetos António Bettencourt e Pedro Maurício Borges do Centro de Estudos em Arquitetura do Darq (Cearq) e da Reitoria da UC, com o apoio do Serviço de Gestão do Edificado, Segurança e Ambiente.

HÁ BAIXA

PROJECTO HÁ BAIXA *

O Projeto *Há Baixa* é promovido por um grupo de estudantes de Arquitetura e *Design* da Universidade de Coimbra (UC), cujos objetivos assentam em três pontos fundamentais: promover a aproximação da Universidade à Cidade, fomentar relações dinâmicas com e nas comunidades locais, e possibilitar aos alunos a experiência da realidade construtiva. Para o grupo existe um distanciamento entre as matérias lecionadas na Universidade e a realidade da prática, e é deste distanciamento que surge a vontade de trabalhar e aplicar estes temas de forma concreta.

A par desta preocupação, existe uma vontade de trabalhar sobre a cidade de Coimbra, tentando combater a situação de abandono que cada vez mais assola o centro da cidade, mais especificamente a zona da Baixa. Acompanhando esta intenção, trabalha-se sobre a dimensão social de modo a colmatar as carências do espaço de forma “completa”, garantindo a sobrevivência dos espaços intervencionados e das suas atividades.

O espaço de intervenção escolhido foi a Baixa de Coimbra, por se tratar de um espaço claramente desvalorizado – foi com essa consciência que se escolheu esta área da cidade para estabelecer a atividade do projeto.

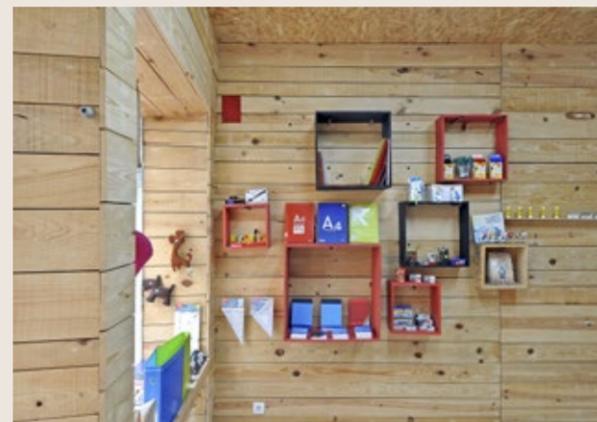
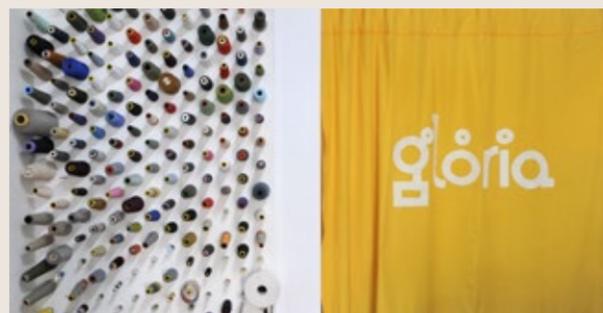
A ideia de reabilitação urbana que o Projeto *Há Baixa* defende contempla a intervenção no espaço público e a dinamização cultural e social como elementos estruturais. A atividade cultural desenvolvida na primeira edição do *Há Baixa* teve lugar no Largo do Romal, no Palco *Há Baixa*, decorreu durante o período de obras, e contou com concertos, sessões de cinema e teatro, oficinas de encadernação tradicional, conversas, apresentações de projetos e convívios locais.

A estrutura foi construída essencialmente com madeira, e conceitualmente procurou-se desenvolver um elemento

efémero que conseguisse integrar-se no espaço de forma natural e fosse capaz de gerar atividades variadas.

Como obra na escala da habitação, interviemos na casa do senhor Jorge, que é, com certeza, um caso ímpar na Baixa de Coimbra e o exemplo perfeito que patenteou o nosso papel no local: uma habitação cuja vivência estava dividida por um corredor comum que separava os quartos da cozinha e da instalação sanitária. Esta última, absolutamente precária, apenas com uma sanita, incluída no espaço da cozinha, e sem espaço para banhos nem lavatório. Além dos problemas já constatados, havia também a falta de um esquentador, o que impossibilitava o acesso a água quente na casa.

A intervenção debruçou-se sobre a divisão do espaço de cozinha em dois compartimentos, criando uma instalação sanitária autónoma e uma cozinha, que contou com mobiliário novo, uma máquina de lavar roupa e um esquentador. Dada a intenção de centralizar a nossa atividade no Largo do Romal, foram escolhidos dois comércios suscetíveis de serem intervencionados. Um deles, localizado numa das esquinas que antecedem o largo, a Papelaria *Sim-Sim*, contou com a criação de um sistema modular em todo



o interior, possibilitando um sistema de exposição à D. Conceição. A solução passou pela conceção de uma parede falsa em madeira, que responderia a duas grandes questões: as patologias das paredes e o conforto térmico do espaço. Em parceria com estudantes de *Design*, foi criada uma nova imagem gráfica para a papelaria, revitalizando, assim, a imagem do comércio.

O outro espaço comercial que foi alvo de intervenção foi o *atelier* de costura da D. Glória, um exemplo de resistência da fuga e da falta de atividade que encontramos na Baixa. A intervenção passou por reorganizar os seus elementos (máquinas de costura, tecidos, linhas) e, conceitualmente, criar um espaço neutro, pintado de branco, para que o elemento principal de trabalho, o tecido, tenha destaque e se sublinhe a sua importância. Na tentativa de aproximar o *atelier* do espaço público, foi criada uma segunda porta com um generoso painel de vidro, que permitiu o funcionamento com as portas exteriores opacas abertas. Em parceria com estudantes de *Design*, foi criada uma nova linguagem gráfica para o *atelier*, o que completa a reabilitação do comércio. O último espaço alvo de intervenção, a Associação *Cozinhas*

Económicas Rainha Santa Isabel, é um local de grande importância na Baixa de Coimbra, com uma atividade constante, servindo mais de 500 refeições diárias. Sendo um edifício em forma de claustro, a atenção rapidamente se voltou para o espaço central – um jardim visivelmente degradado. A obra passou pela pintura das paredes que contornam o jardim, limpeza e reabilitação do espaço verde, criação de um sistema de arrumação que apoia uma das cozinhas e criação de um novo espaço de estar, associado ao jardim, recorrendo à construção de mobiliário exterior.

As bases de futuro do Projeto *Há Baixa* passam por simplificar e estabilizar os sistemas estruturais de todos os processos desenvolvidos na primeira edição, com o objetivo de assegurar experiências enriquecedoras à comunidade universitária, à comunidade da Baixa de Coimbra e também à cidade de Coimbra de uma maneira geral.

Como princípio de simplificação primordial estabeleceu-se uma ideia de dualidade para a intervenção, que passa por ligar a Universidade e a Cidade, por atuar dentro da Universidade e fora dela, por dinamizar a Baixa e o Departamento de Arquitetura, pensar o espaço público e privado, interligar a comunidade da Baixa de Coimbra com a comunidade universitária e aproximar o ensino da realidade prática. Para isso, deseja-se, por um lado, continuar a participar em movimentos coletivos compostos pelos diferentes agentes e, por outro, incluir mais cursos na atividade do *Há Baixa*. A ideia desta dualidade é promover processos de atuação compartilhados e heterogéneos, com estratégia homogénea e aberta, que se julgam vitais como exemplos, a várias escalas, para a Cidade de Coimbra na atualidade.

* Centro de Estudos do Departamento de Arquitetura

UpCycle NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O projeto *UpCycle* é, antes de mais, um manifesto.

Na sua génese está uma proposta de fazer reviver em novos formatos materiais anteriormente usados pela Universidade de Coimbra (UC).

À imagem dos produtos *UpCycle*, este texto é construído a várias mãos, costurado para um efeito final compósito e, assim, enriquecido. As três que escutam são, em primeiro lugar, de António Barros, o autor da proposta, seguindo-se a voz de Sara Baptista, autora material dos produtos *UpCycle*, e terminando com Joana Tereso, coordenadora do Projeto de Imagem, *Media* e Comunicação da UC (PIMC_UC), no seio do qual este projeto se materializa.



1. O design agente de Cultura. A proposta.

António Barros *

Na minha presença como observador da 1ª Bienal Iberoamericana de Diseño BID_07, Matadero, Madrid, 2007 [convidado porque conhecido aí o meu interesse por um dos mais vultuosos propósitos do Design, que é: Ser Cultura], guardei uma experiência particular observada – o design advogando o desígnio dos *valores étnicos do lugar*. Numa aldeia do México os nativos fabricavam mágicas peças de artesanato para a sua economia vital, mas não tinham sucesso de venda algum perante o turismo visitante.

Numa *operação social*, um designer decidiu contribuir com a criação de uma apelativa *embalagem* para essas misteriosas *peças*, nela inscrevendo – para além do que convoca o packaging design – um *texto* que narrava o sentido da construção desses objetos criados na identidade desse povo. O sucesso de venda logo resultou visível promovendo, assim, a Etnografia e Economia do lugar geradas pela catarse de um design assertivo e informado.

Num lugar de Cultura, a consciência do Lugar, do seu Ambiente, preservando-o, é também uma matéria, não só dignamente elegível, como *agente* a resultar num paradigma de eleição na mudança dos comportamentos de cidadania. Como Educação. Desenho de comportamento. Vital razão. Tudo para o devir de uma *energia renovada*.

Dar nova vida aos materiais anteriormente *vivenciados* é, pode ser, deve ser, um modo de lhes proporcionar uma maior esperança de vida enquanto *materiais suporte*, mas também fazer surgir, na sua condição de *objeto de comunicação*, a transmissão de um legado singular – a enunciação constante, e consequente, da difusão em testemunho de iniciativas de Cultura antes afirmadas, podendo este processo ser um exemplo de *operação* a realizar de modo continuado.

Assim, e neste mesmo sentido, alguns dos suportes gráficos de afirmação da Semana Cultural da Universidade de Coimbra (SCUC), edição de 2016, ganhariam uma nova vida revisitando-os, *requalificando-os*. Posteriormente, e até na edição seguinte da SCUC,

agora de tema "**Quem somos?**", surgiriam os *objetos* com a forma costurada de criativas *embalagens* de utilização plural. No seu interior residiria um testemunho impresso a catalogar o *processo*, contemplando assim o utente com uma didática narrativa da *ação* antes aqui experienciada. Este foi o desafio. Como vértice de, e para o cidadão. Consciente.

Formulei a proposta deste *exercício* no alinhamento de outras anteriores *revisitações* de *materiais*, atitudes que outrora assumi, e já testadas, procurando princípios advogados pelo *upcycling* – essa formulação convulsa criada pelo ambientalista alemão Reine Pilz, em 1994, como alternativa ao *recycling*. Aí, e para além da reformulação de painéis enunciatórios urbanos, assim vigorando objetos, outros, utilitários [como sucedeu com o *outdoor* para “Valsamar”, Museu da Água, 2010], havia já conjugado condição para operar a reinvenção de outros materiais e condições (os antes estacionados como adereços cénicos, a revitalização de mobiliário em *pontos de difusão* e *espaços expositivos*, ou mesmo uma nova formulação de modelos de *intervenção urbana* – residente no espaço e mesmo *performativa*).

Mas agora o que merecerá empenho maior é sinergizar a operação realizada de modo a que resulte, o *gesto*, consequente – surgindo galvanizador de outros, e novos, *programas* e *construções* fazendo por transmitir um *legado gerador*.

O que pareceria lixo, ou material poluente de difícil reinserção no Ambiente, resultará agora como novos materiais com vida própria – económica e comunicacional. Editados num contexto programático com uma pretensa identidade definida, estarão zelando em defesa do Planeta onde **somos**. Lugar onde urge autoscopia a saber, como, e **quem somos**. Uma operação de cidadania, consciente, que aqui – procurando cumprir o proposto – se mostra distintiva com a marca UC: *UpCycle*. Marca, em *manifesto*, assumindo alinhamento à bandeira de uma universidade que procura o desígnio de ser **ÚniCa** no seu Valor, e Sentido Educador.

2. Do projeto ao objeto

Sara Baptista **

Entre mãos nos surgiu um trabalho, que com ideias evoluiu e com conhecimento vingou.

O nome *UpCycle* apareceu como resultado da união de dois conceitos:

A - Como não tem tradução direta para português, e no original representa o artesanato ecologicamente enriquecido, reaproveitamento de materiais ou transformação de resíduos em objetos úteis, apenas se encontra definido pelo termo *upcycling*.

B - Por acaso, ironia do destino ou simplesmente porque calhou, as principais letras “U” e “C” são comuns ao conceito e à instituição que detém o projeto.

Intuitivamente, surgiu a marca, algo de acordo com o praticado habitualmente pela Universidade de Coimbra.

O “U” e o “C” comuns em evidência, itálico por não ser português, dentro de uma “moeda de troca”, reutilizável e colecionável sob a forma de **pin**.

Depois de alguns testes práticos identificámos algumas condicionantes do material e tivemos que abandonar, por exemplo, a opção cujo desenho tinha curvaturas, chegámos então aos dois primeiros modelos de **sacos**: o de “**compras**” e o de “**tiracolo**”.



No produto final, cada saco é um saco. São objetos únicos, com diferentes cores e diferentes desenhos, agradáveis, resistentes e reutilizáveis.

A matéria prima, por ser lixo, é grande e está suja...

A matéria prima, por ser dura, é pesada e arranha...

O material não poderia ser trabalhado por um só...

Quem somos, então?

Somos uma equipa: colegas, amigos e família.

Somos o meu tempo, as minhas mãos e a **máquina mecânica** que herdei da mãe do meu pai.

Somos o tempo, a experiência, as mãos e a máquina da minha mãe Isabel.

Somos também o tempo, as mãos e a determinação da minha prima Cláudia.

Somos todas Alves, porque algo forte ligado à costura corre nestas veias.

Somos a postos na mão de obra, sem hesitar, num investimento traduzido em tempo,

águas, detergentes, tesouras, linhas e agulhas.

Neste contexto, somos só isto.



3. Da continuidade da matéria

Joana Tereso ***

Quando depositamos paixão naquilo que fazemos custamos, por vezes, deixar para trás o resultado de tantas horas de dedicação e afincos.

Foi este vínculo afetivo – aliado e alinhado com a preocupação sempre presente de despertar na comunidade universitária a consciência para a reutilização de materiais – que fez germinar este projeto de *UpCycle* no Projeto de Imagem, Media e Comunicação da UC (PIMC): o empenho e o carinho que tínhamos entregado à tela de divulgação da 18.ª Semana Cultural da UC fizeram com que nos custasse abandoná-la, vê-la ser retirada do edifício da Faculdade de Medicina da UC, como se o estivessem a despir e ser levada para o lixo ou para um qualquer depósito. Fazia sentido encontrar uma nova vida para aquele objeto

que nos era tão querido. E transformá-lo em sacos versáteis que podem ser usados em múltiplas situações foi uma ideia que mereceu acolhimento imediato.

Requalificar antigas peças de comunicação e dar-lhes nova vida, tornando-as objetos para comercialização, permite não só rentabilizar o investimento feito quando da produção das peças como ainda fazer perdurar no tempo as histórias que encerram.

O projeto de *UpCycle* responde, assim, em simultâneo, a um imperativo de sustentabilidade e ao desafio de manter vivas as memórias das iniciativas promovidas pela Universidade. Por tudo isto, este é um projeto a ter continuidade, sem dúvida. As histórias que contamos em tela primeiro vão continuar a circular em forma de outros objetos, seguramente.

* Diretor criativo do PIMC_UC

** Designer de comunicação do PIMC_UC

*** Coordenadora do PIMC_UC



Fotografia: Sara Baptista PIMC_UC

OS 300 ANOS DA BIBLIOTECA JOANINA

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES *

A 17 de julho de 1717, pelas seis da tarde, na presença do reitor Nuno da Silva Telles (o segundo deste nome), foi colocada a primeira pedra da Casa da Livraria, a mesma que viria depois a ser conhecida por “Biblioteca Joanina”. Três meses antes, tinham já tido início os difíceis trabalhos de desaterro do local escolhido para implantar o edifício. Seguir-se-ia a construção de um telheiro no pátio da Universidade, para servir de apoio às diferentes fases da obra. Ao pátio haveriam de chegar os carros de bois carregados de pedra e de madeiras, quase todas recolhidas nos arredores de Coimbra.

Tudo acontecia na sequência de um pedido do mesmo reitor dirigido ao rei, um ano antes, para que a Universidade fosse dotada de uma biblioteca adequada e digna.

Depois de iniciada, a obra decorreu sem interrupções nem percalços de maior. De tal forma que, no início de 1728, o edifício era dado por concluído. A Universidade passava assim a dispor de uma biblioteca esplendorosa, que vinha substituir, com evidente vantagem, as diferentes casas que, em Lisboa e em Coimbra, tinham servido, sempre precariamente, para acomodar os livros usados por mestres e escolares.

Ao longo de 300 anos, o edifício em causa viria a ser objeto de pequenas transformações exteriores e interiores que não lhe afetaram a traça nem a função. Em 1962, quando o edifício novo abriu ao público, a Biblioteca Joanina deixou

de ser frequentada por leitores regulares. Só em ocasiões especiais se abriam as portas para receber visitantes ilustres como chefes de Estado ou personalidades do mundo da Ciência, das Artes ou da Cultura.

Mais recentemente (há cerca de 25 anos), a Biblioteca viria a ser aberta aos turistas. Num primeiro momento, ficou apenas disponível o piso nobre; depois, os visitantes passaram a ter também acesso aos outros dois pisos: o intermédio e o térreo, o mesmo onde, por algum tempo, funcionou o cárcere académico.

Hoje são em grande número as pessoas que procuram aquele espaço, integrado no circuito turístico da Universidade. Muitos são estrangeiros e, mesmo quando estão prevenidos para o que vão encontrar, não deixam de se surpreender quando transpõem a pequena porta que dá acesso ao piso principal. Não esperam, de todo, encontrar em Portugal uma celebração tão exaltante do livro e do conhecimento. Ficam particularmente surpreendidos quando lhes dizem que os volumes que se guardam naquele espaço (cerca de 60 mil, todos editados até ao ano de 1800) ainda hoje são objeto de procura regular.

A Biblioteca Joanina é da Universidade que a reclamou e a construiu. Mas é também de Coimbra e do país inteiro. Na medida em que enaltece a curiosidade do ser humano, pode dizer-se que é de todos os que nela encontram motivo para fascínio e orgulho.



Este ano vão assinalar-se os 300 anos da construção daquele que é um dos mais extraordinários edifícios jamais construídos em solo português.

Na medida das suas possibilidades, a Biblioteca Geral da Universidade, que integra também o edifício da Joanina, tudo fará para chamar a atenção do país para a importância de que aquele espaço se reveste. Quase não é necessário insistir na beleza e no valor patrimonial daquela que já por várias vezes tem sido apontada por organismos nacionais e internacionais como a “Biblioteca mais bela do mundo”. A importância da velha Casa da Livraria, porém, não reside apenas no seu aparato. A observação atenta dos muitos sinais que nela se encontram patentes, desde as inscrições latinas até à decoração dos tetos, remete-nos para uma *conceção de universidade* assente numa *soma transformada* de saberes e não apenas numa adição inorgânica de faculdades. Acima de tudo, as mensagens da Joanina apontam para a importância insubstituível do Livro, enquanto veículo de conhecimento e instrumento central da emancipação humana.

Estávamos então no tempo das Bibliotecas, e não admira que várias outras tenham surgido ao mesmo tempo por toda a Europa, ligadas ou não a universidades. Ainda assim, poucas são aquelas que assinalam uma mensagem tão forte e tão clara, fazendo, em simultâneo, a apologia da Beleza e da Razão. De entre as várias iniciativas que serão levadas a cabo, ao longo de 2017 e nos anos mais próximos, encontra-se já assegurada, pelos CTT, uma emissão de selos comemorativos. Haverá ainda palestras, exposições, um programa de música e edições de livros. Algumas dessas iniciativas terão por objeto a própria Biblioteca Joanina, envolvendo as muitas incertezas que subsistem acerca da sua génese. Espera-se, ainda, que outros trabalhos a editar possam tratar do valor do livro independentemente das metamorfoses que conheceu.

O propósito maior, porém, será o de chamar a atenção para o *ideal de biblioteca*, lembrando o papel agregador que ele desempenhou ao longo dos séculos, bem como a função (ainda essencial) que lhe cabe cumprir na universidade dos nossos dias.

24

RL #48 | OFICINA DOS SABERES
impressões

* Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Je est un autre – Galeria do Departamento de Arquitetura da FCTUC

OFICINA DOS SABERES
ribalta

Universidade de Coimbra Património de Humanidade

Legado. Marca. Conhecimento. Riqueza. São conceitos indissociáveis das pessoas que os constroem. Esta é a premissa assumida para o projeto que se desenrola junto da comunidade da Universidade de Coimbra (UC), tão legitimamente designado *Património de Humanidade*.

Numa edição que nos convida a refletir “Quem Somos?”, a 19.ª Semana Cultural da UC assume-se como o ímpeto contextual para indagar as personificações do trabalho, do estudo e da marca de quem faz parte integrante do Universo que pretendemos perscrutar, pelo referente do presente ou pela indelebilidade do passado.

A iniciativa, que procura promover a notoriedade institucional, através de um exercício de olhar para dentro – procurando identidades –, dando especial relevo às mais-valias que decorrem das atividades e desempenhos das pessoas e equipas que, quotidianamente, fazem a UC, irá percorrer corredores, entrar em salas de aula, observar laboratórios, recuperar edifícios históricos e reabilitar espaços, conhecer cozinhas e museus. Mas, mais do que conhecer espaços habitados é dar a conhecer quem os habita; quem os torna, apesar de confinados, abertos ao mundo, seja pela impressão dinâmica das concretizações, seja pelo caráter indispensável a uma Universidade que se assume Global.

INÊS COELHO *

João Silva, Projecionista do Teatro Académico de Gil Vicente
Fotografia de Paulo Amaral



Património de Humanidade conta com o contributo de estudantes, docentes, técnicos, aposentados e antigos estudantes e traz-nos as perspetivas de 36 pessoas das mais variadas vertentes, valências e perfis, cujo ponto de interseção é a relevância da sua marca para a construção da Universidade. Não tendo a pretensão de servirem de exemplo, antes tomadas como exemplo do que de melhor se faz no seio da instituição.

Será, assim, concretizada a possibilidade de melhor conhecer e reconhecer o percurso e experiências de vida de quem nos permite praticar o dom do espanto com as possibilidades da ciência e da investigação; de quem coletando pequenas amostras de plantas contribui para a preservação da biodiversidade; de quem cruza olhares com o céu e nos traz as estrelas com toda a sabedoria; de quem apura técnicas de conservação salvaguardando o futuro de aspetos culturais e patrimoniais com centenas de anos; de quem dá vida aos palcos trabalhando os seus bastidores; de quem sabe cativar, desafiando o aprendizado a ser ainda melhor; a quem tem em mira a qualidade dos serviços, da importância das *sinapses necessárias e permanentes* para a manutenção das comunicações numa instituição distribuída por vários polos e com extensão internacional; de quem abre as portas da Universidade a novos públicos, cultivando o brilho no olhar de quem a visita.

Claudino Romeiro, Conservador Aposentado do Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra
Fotografia de Paulo Amaral



INFORMAÇÃO SOBRE
AS EXPOSIÇÕES:

De 18 de maio de 2017
a 11 de setembro de 2017,
Sala do Exame Privado

De 14 de setembro de 2017
a 14 de novembro de 2017,
Complexo Alimentar do Polo II

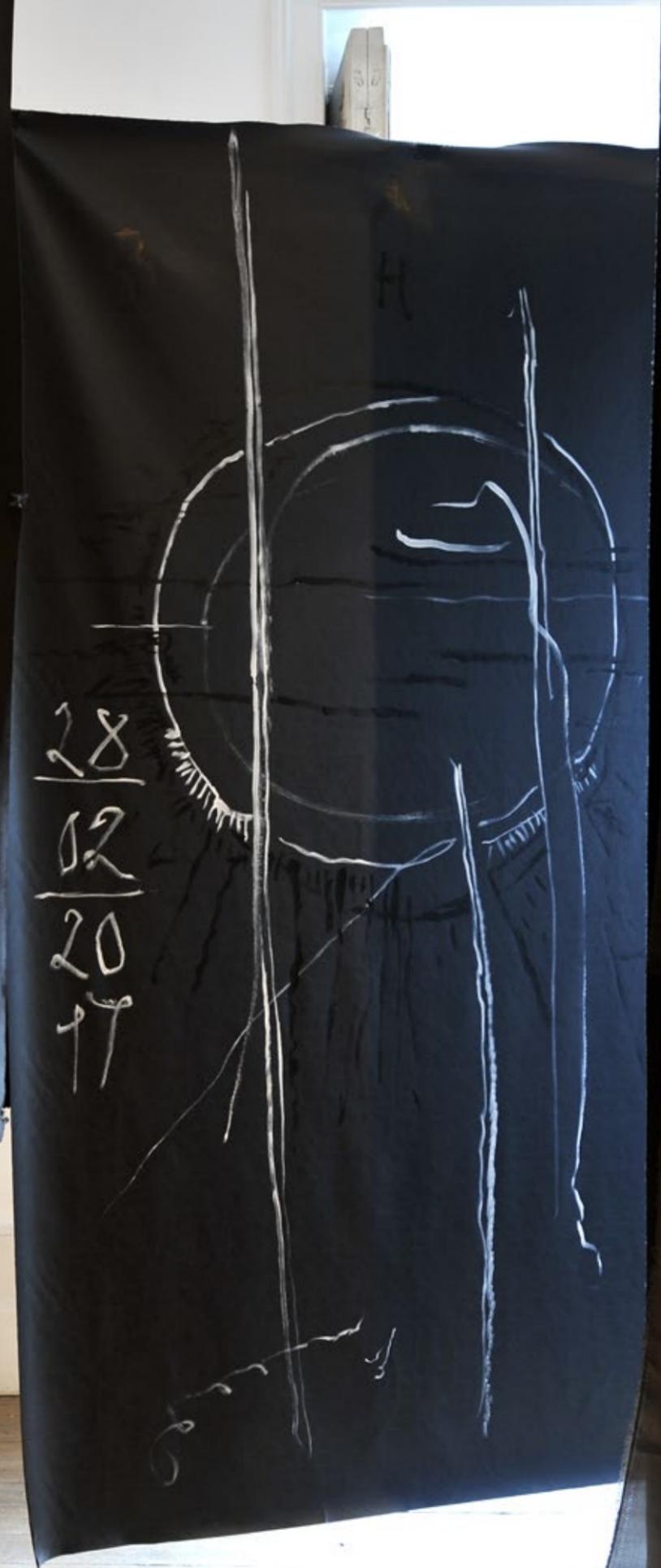
De 16 de novembro de 2017
a 15 de janeiro de 2018,
Unidade Central das Ciências
da Saúde

A materialização do projeto, além de numa primeira fase concretizar o próprio anúncio da programação da 19.ª Semana Cultural da UC, será realizada mediante uma exposição de fotografias dos participantes em contexto de trabalho e vivência institucional ou académica. Tal exposição tem um carácter itinerante, percorrendo espaços do Polo I, Polo II e Polo das Ciências da Saúde, no sentido de melhor estabelecer o encontro com as pessoas que fazem parte desta Universidade. Nesta abordagem ao *Património de Humanidade*, comunicamos pessoas e o legado das mesmas, comunicamos a riqueza que advém do que fazem, a marca do aperfeiçoamento. Comunicamos as singularidades e as pluralidades que, interatuantes e comprometidas, possibilitam a construção permanente de abordagens sobre “Quem Somos?” ao mesmo tempo reconhecendo que Somos UC.

* Projeto Imagem, Media e Comunicação – Reitoria da UC

Nuno Peixinho, Coordenador para a Promoção e Divulgação de Ciência do Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra
Fotografia de Paulo Amaral





OFICINA DOS SABERES
ciência refletida

COIMBRA DUM TEMPO IGNOTO

RAQUEL VILAÇA *
SARA ALMEIDA **

À interrogação “**Quem somos?**”, retorquimos: “**Seremos, também, o que fomos.**”

E o que fomos remete (também) para um passado muito longínquo, com mais de seis mil anos materializados em fragmentos dispersos pela área urbana de Coimbra.

Nos últimos 15 anos desenvolveram-se na cidade, com distintos promotores, várias intervenções arqueológicas (de salvaguarda) tendencialmente inconsequentes do ponto de vista do retorno científico e social, porque destituídas de estratégia global, sem coordenação comum, e desenquadradas de quaisquer mecanismos de divulgação de resultados. Do incómodo sentido nasceu o projeto *Raízes. Coimbra pré-romana*, que a Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra (UC), através do seu Instituto de Arqueologia (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes), desenvolve numa perspetiva integradora¹. Orientado para a gestão científica desses remotos sinais anteriores à presença romana em Coimbra, alguns conhecidos de há muito (outros que se revelarão a qualquer momento), o projeto contempla oito núcleos, na sua maioria concentrados na área que é, também hoje, Património Mundial da UNESCO.

¹ O projeto circunscreve-se à Pré e Proto-história, reservando-se aos respetivos especialistas o exame dos períodos romano, medieval e moderno. Dada a natureza genérica deste texto, optou-se, igualmente, por isentá-lo da extensa lista de bibliografia subjacente.



Na convicção de que a memória das comunidades constitui um objetivo de primeira linha de todo o esforço da investigação arqueológica, as evidências resgatadas do subsolo convertem-se em herança coletiva postulada no conhecimento partilhado.

Nessa partilha, podemos dizer, de momento, que a **história começou na outra margem...**

Na segunda metade do IV milénio a.C., quando a terra já se amanhava e os animais se cuidavam, a **Gruta dos Alqueves** (Santa Clara), ampla cavidade cárstica conhecida igualmente por “Cova da Moura”, serviu de cemitério a uma população multigeracional de ambos os sexos. São estas as evidências mais remotas da passagem de grupos humanos pelo espaço urbano de Coimbra.

As escavações realizadas, primeiro nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, e depois na década de 80 do século passado, deixaram, todavia, perguntas sem resposta. Os primeiros investigadores assinalam a existência de enterramentos em cista, mas a organização do espaço funerário é mal conhecida. Na última intervenção verificou-se que alguns corpos foram depositados junto às paredes da cavidade aproveitando pequenas fendas cársticas. Pedacos de ocre encontrados

em associação com materiais e restos humanos sugerem a prática de ritual milenar, cujos códigos simbólicos se pautariam pelo poder de regeneração da cor vermelha. As pessoas aí sepultadas possuíam uma dieta mista, de carne e vegetais, com elevada percentagem destes últimos.

O(s) locais(s) de habitação ficaria(m) certamente nos arredores, talvez nas vertentes viradas ao rio, mas não foi possível identificá-lo(s) até hoje.

Ou será que o mais antigo rosto humano de Coimbra (coleção do Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz), que a gruta protegeu na morte, também ele um de “nós”, procurou abrigo, em vida, no morro onde se instalou a Universidade?

É bem possível que, então, na **Alta de Coimbra** estivessem já instalados os primeiros grupos humanos. Sem contexto seguro, mas indiscutivelmente sugestiva dessa ocupação que nos conduz ao IV e III milénios a.C., é a ponta de projétil (coleção do Instituto de Arqueologia), em sílex, semelhante a uma outra proveniente da gruta, recolhida no lugar do nosso espaço mais nobre: a **Alcáçova**.

Outros sinais desses tempos pré-históricos foram ficando pelo caminho, tendo vindo a revelar-se na **Rua Corpo de**



Váso globular, Museu Nacional Machado de Castro

Deus, no Paço das Escolas, no Largo dos Colégios, no Museu Nacional Machado de Castro. Aqui, a recolha singular de um vaso globular (pertencente a este museu) quase intacto iluminará a face mais ritual dessas comunidades que perseguiram ainda a consolidação plena de um modo de vida sedentário.

Depois, perdemo-nos... e só voltamos a encontrar rasto de “nós” no raiar do milénio que antecedeu a nossa Era, sem que tal signifique, entretanto, o real armamento da colina. Mais uma vez fragilizado pelo desconhecimento das suas circunstâncias de achado (na cidade, na região?), o “colar de Coimbra”, de ouro maciço, a par do seu manifesto valor artístico e patrimonial, evoca esses tempos reveladores de assinalável capacidade de acumulação de riqueza, acompanhados por um crescendo processo de conflito de poderes intra e intercomunitários.

Tempos também de inequívocas mudanças que a descoberta de “novos mundos” aceleraria. Em vésperas da chegada de populações fenícias a Santa Olaia (Figueira da Foz), pelos séculos VIII-VII a.C., a Pré-história distanciava-se, era já passado de um outro passado.

As novas dinâmicas sociais seriam alimentadas pelo principal recurso estratégico, o minério do interior beirão, que o Mondego fazia chegar ao Atlântico e que este levaria até ao Mediterrâneo. O sítio que, alguns séculos depois, os Romanos designaram como *Aeminium*, ficava no caminho... Não podia deixar de fazer parte dessa história.

Mas só muito recentemente as intervenções arqueológicas urbanas vieram consolidar cientificamente a existência de um povoado proto-histórico em Coimbra. Se em 1979, Jorge de Alarcão escrevia que “a ocupação pré-romana da cidade [Coimbra] é provável, ainda que não provada”, passados quase 40 anos, podemos afirmar que a ocupação pré-romana da cidade está provada, ainda que pouco estudada.

O lote recuperado na **Praça de D. Dinis**, no qual se incluem restos antropológicos, nomeadamente um crânio, permite dizer, numa análise preliminar², que o local foi ocupado pelos séculos VIII-VI a.C. A presença humana da colina teve continuidade nos séculos seguintes, assinalando-se outros vestígios, especialmente cerâmicas, datáveis do século V a.C., na área do **Museu Nacional Machado de Castro**.

Parece ter sido desde esta altura que se terá consagrado o reforço da Coimbra pré-romana perante outros sítios de matriz fenícia/orientalizante, como Santa Olaia, então em crise ou procurando reorientação, chegando alguns a ser abandonados. Uma nova fase moldada por geoestratégias também diferentes, que se manifestaram no centro ocidental



Ponta de projétil em sílex, Coleção do Instituto de Arqueologia

atlântico, ditaria o crescente pendor regionalista espelhado na cultura material coimbrã dos séculos IV-III a.C., tão bem representada pelos conjuntos cerâmicos da **Rua Fernandes Tomás**. Outros indícios menos expressivos conduzem-nos à **Couraça dos Apóstolos** e até ao **Pátio da Inquisição**.

Nestas escassas linhas ressumbram resquícios de vida subjacente à ocupação mais antiga da cidade, intrinsecamente ligada ao fluxo de bens veiculado pelo Mondego e conjuntamente integrada no quadro da fachada atlântica, que se foi forjando na dialética das suas múltiplas relações culturais. É pálida a imagem que temos de “nós” nesses tempos tão remotos, que outros tempos vindouros ajudaram a desfocar. Fomo-nos sumindo e jamais nos reencontraremos. Mas perseguimos o rasto dessa outra Coimbra.

A seguir, vieram os Romanos, que também somos.

* Professora do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP
** Arqueóloga. Doutoranda de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP

² Estudo em curso com Ana Maria Silva (FCTUC) e Sónia Filipe (GNI/UC).

Madalena Victorino

*"Sinto que, com este Prémio,
a classe da dança é valorizada
e celebrada"*

MARTA POIARES

Formada em dança contemporânea, composição coreográfica e pedagogia das artes, em Londres, e considerada elemento central na chamada “Nova Dança Portuguesa”, Madalena Victorino, Prémio Universidade de Coimbra 2017, tem um percurso distinto nas áreas da dança e da coreografia em Portugal, onde tem sido, nas últimas três décadas, responsável pela criação de diversos projetos culturais e artísticos de dimensão comunitária. Fascinada pelas pessoas e inspirada pela dança que se desprende da

realidade, diz resgatar da vida histórias em movimento e vê no seu trabalho um lugar para a beleza da imperfeição. É, também, uma das mentoras no desenvolvimento de serviços educativos no país, lecionando em múltiplas instituições de Ensino Superior, e na programação de eventos promotores da inclusão cultural e social através das artes contemporâneas. Coreógrafa em lugares tão convencionais como inesperados, e acredita que a arte, sendo de todos para todos, pode ainda transfigurar o mundo.



Como foi receber o Prémio Universidade de Coimbra (UC)? Surpreende-me, mas dá-me uma enorme alegria, porque sinto que, com este Prémio, a classe da dança é valorizada e celebrada. O facto de a disciplina da dança ser objeto de olhar da Universidade e da Academia parece-me ser razão para festejar e para ficar imediatamente muito, muito contente.

João Gabriel Silva, reitor da UC, destacou a sua capacidade de comunicação “absolutamente extraordinária”, sublinhando a “empatia automática” que se tem consigo. Revê-se nessa descrição?

É verdade que gosto imenso de estar com as pessoas. As pessoas fascinam-me. Dão-me muito que pensar, sentir, desejar. Vejo pessoas e imagino logo situações que dali se podem desprender para realizar coisas. E, claro, gosto imenso de comunicar. Mas fico sempre muito nervosa quando tenho de falar. Tenho medo de não dizer as coisas que poderão tornar aquele momento válido e memorável. Tenho um respeito enorme pelo tempo das pessoas. E não quero gastá-lo com banalidades e superficialidades. Tenho horror à pobreza de espírito [risos].

Comunica com o corpo, com o movimento.

A palavra assusta-a?

Não. O corpo é o que tenho de mais palpável e de mais concreto. A dança é energia no corpo, é o aparato ósseo, muscular e energético em ação, a produzir coisas que o extravasam e redimensionam. E é aquilo que melhor conheço em mim; o que faço com mais naturalidade. A palavra é do foro do intelecto, vejo-me mais aflita. Tento dar corpo às palavras para ficar mais à vontade. Assusta-me a impossibilidade de comunicar.

Dizia que este Prémio era um prémio também para a classe artística da dança. É rara a atribuição de prémios a criadores desta arte, em Portugal. Sente que ainda não tem uma presença enraizada na nossa cultura do saber?

Acho que há muitos passos dados, mas também há imenso que fazer. Tenho a certeza de que este Prémio não foi dado a ninguém da dança. E daí esta a alegria toda. Claro que há prémios que vão sendo dados aos coreógrafos, aos criadores e aos intérpretes. Mas, muitas vezes, são prémios circunscritos ao espaço das artes. E este é um prémio que vem acontecer ao lado desse espaço artístico estrito.

Mas venceu, também, o Prémio Autores 2010 de Melhor Coreografia da Sociedade Portuguesa de Autores...

Sim, com o *Vale*, um trabalho que fiz sobre o vale do Tejo, com pessoas e intérpretes da dança e da música. Mas volto a dizer: a atribuição do Prémio UC é muito, muito especial. Tem o valor de ser a Academia a pensar numa disciplina que é muitas vezes transportada para segundo plano. Não há dúvidas sobre a literatura ou sobre a música, mas sobre a dança ainda há.

Outros países valorizam-na muito. Por exemplo, na Grã-Bretanha, a dança passou para o foro universitário, para que se pudesse constituir como uma profissão académica e prática. Há doutoramentos em dança, como há formações universitárias para os educadores de infância saberem trazer o movimento criativo para dentro dos jardins de infância.

E em Portugal, ainda não?

Também já temos. Tive a sorte de participar naquele que foi o primeiro currículo académico com bacharelato que a Escola Superior de Dança, no início dos anos 90, criou. Fiz parte desse elenco de docentes que criou uma disciplina de análise de movimento e de pedagogia da dança. Isso é um sinal de que a dança também já está a ser ensinada e trabalhada no campo académico (e noutras instituições também).

Este prémio é um (primeiro) passo importante nesse sentido?

Lá está – acho que ainda há muito caminho para fazer. As artes ainda não têm um papel fulcral na educação geral de todos os cidadãos que vivem em Portugal.



É, também, uma questão política?

Sim. É uma questão de valorizar e de priorizar esta área artística como uma ferramenta essencial à educação e ao desenvolvimento dos cidadãos e, naturalmente, da sociedade portuguesa.

Nasceu em Lisboa e partiu para Londres a seguir ao 25 de Abril, para estudar dança contemporânea na *London Contemporary Dance School*, entre 1975 e 1977. Esta foi a sua própria revolução?

Foi. Essa foi a primeira escola onde estive. Era a escola da Martha Graham que, com um grupo de criadores, inicia uma grande revolução no curso da história da dança ocidental. Passou-se de uma ideia muito clássica e romântica, virada para as elites e para o contar do corpo de histórias que se enraízam no mundo efabulatório do conto fantástico, para a queda disso tudo, num abismo que é o corpo da vida humana. A Martha Graham foi, de facto, uma pessoa importante nesse campo, porque criou uma linguagem que depois se desenvolveu numa técnica ensinada em todo o mundo... E eu fui parar à sua escola.

Como chegou até lá?

Escrevi para todas as escolas que conhecia ou que poderia encontrar nas embaixadas de Lisboa, dos países com línguas que falava. Tive a sorte de estudar na Escola Alemã e de ter uma boa formação em línguas. Mas foi a escola da Martha Graham que se destacou.

Porquê?

Era muito mais pessoal. Foi um chamamento muito forte. E lá fui eu, de comboio, à procura da dança [risos].

E encontrou-a?

Encontrei-a. Primeiro aí, e mais tarde, no *Laban Center*, que é a minha grande formação – um olhar sobre a dança do ponto de vista expressionista, muito político e social, virado para a questão do humano e da importância que o corpo e a sua ação – perspectivada sob um olhar estético ou artístico – pode ter na vida das pessoas. Se deixarmos de olhar o corpo como um corpo funcional, se olharmos para o movimento que acontece todos os dias nas nossas vidas e o pudermos equacionar como algo de muito especial que cada pessoa tem, revolucionamos o quotidiano. A maior parte da comunicação entre as pessoas é feita através da comunicação corporal e energética. É dança pura. O meu trabalho, muitas vezes, é chamar a atenção para isso. E as pessoas, quando se apercebem, ficam muito mais bonitas [risos].

Diz não se ter tornado uma grande bailarina, mas sim uma mulher da dança.

Tem que ver com ter entrado, de rompante, numa das maiores escolas do mundo, sem qualquer preparação prévia em dança. Apesar de, naquela altura, o *The Place* – que era assim que se chamava a *London School of Contemporary Dance* – ser uma escola pequena, era também uma escola potentíssima na relação com a própria evolução da dança

contemporânea. Ter caído nessa escola fez-me rapidamente acordar para aquilo que podia e não podia fazer, sem um treino prévio, com um corpo que não era totalmente fácil, já bastante avançada na idade (tinha 18 anos).

Não tinha tido preparação alguma?

Não. Só nadava, fazia ginástica rítmica, e dançava nas discotecas [risos]. Fazia isso tudo muito bem, mas não tinha preparação em dança. Aprendi tudo em Londres. Era tarde e o meu corpo não era dos mais fáceis, por isso, as minhas professoras – sobretudo uma – acharam-me piada e orientaram-me. Em Inglaterra, há um método muito interessante de ensinar, que consiste em propor o processo de criação, desde logo, aos alunos mais jovens. Por isso, comecei a criar e a compor no Hyde Park, que era o meu estúdio de dança [risos]. Trabalhava e estudava ao mesmo tempo – e assim foram os primeiros dois anos da minha estada em Londres. Depois fiquei mais quatro, com uma bolsa da Gulbenkian, e aí a minha vida mudou bastante.

Ficou com mais tempo.

Mais tempo para estudar e para conhecer Londres e a vida fantástica que tinha (e que ainda tem). Tive oportunidade de me sentir livre para criar e imaginar.

Essa liberdade é a grande revolução da criação?

É tornar quotidiano o ato de criar, de imaginar, de resolver problemas.

E não encerrá-lo num espaço e num tempo...

Não encerrá-lo num espaço, num tempo, e só de alguns. Claro que só alguns é que são excelentes coreógrafos, mas ter nas mãos a possibilidade da imaginação e da criação de pequenas coisas foi algo que me foi trazido desde o primeiro dia em que entrei na escola da Martha Graham. A vontade de ver um espetáculo e querer dançar aquilo tudo, ou de perceber como é que está a ser construído. Esse mergulho para dentro da composição tem dividendos extraordinários nas pessoas.

Hoje leciona em múltiplas instituições do Ensino Superior e tem dinamizado vários projetos educativos no país. É importante ensinar para aprender?

Claro. Aprender e ensinar é um negócio. É uma troca.

E um diálogo.

É um negócio mesmo [risos]. De dar, vender, receber, comprar... Um bom professor é aquele que toma os seus alunos como pessoas valiosas que têm muito dentro, e a quem é preciso tocar de forma particular. Ensinar é aprender a saber os alunos que temos. Perceber os seus interesses, as suas capacidades, as suas potencialidades, as suas dificuldades, e ser capaz de responder a isso de forma estimulante e nova, para que o aluno sinta que a aula que viveu com aquele professor é útil e única. Dar uma aula não é uma brincadeira, é uma coisa mesmo muito séria. E que desgasta, que nos leva tanta energia como um espetáculo.

Uma aula pode ser um espetáculo?

É também um ato único, de relação com uma entidade (o aluno), que muda de dia para dia. Todos os dias acontecem-nos milhares de coisas, e isso tem efeitos na própria energia da aula. O professor deve ser poroso, deve ter a capacidade de receber a informação e usá-la, para que a aula tenha essa luz.

Criou, no Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém (CCB), o primeiro espaço, em Portugal, de programação de fruição artística internacional para um público jovem. Que importância teve esse espaço?

Teve e continua a ter uma grande importância. Foi uma oportunidade incrível que o nosso país teve. O CCB, quando foi criado, não tinha um projeto artístico. Só depois, com o ministro Manuel Maria Carrilho, é que houve uma mudança de paradigma. E eu tive a sorte de ser convidada para ser uma das programadoras. Juntamente com outros artistas, tive a oportunidade de ir ao estrangeiro e ver o que estava a ser feito...

É importante olhar para fora para fazer dentro.

Importantíssimo. Sobretudo naquela altura, em que não havia o modelo de uma cidade artística e cultural, que é como vejo o CCB. Essa oportunidade fez com que se desenvolvesse aí o Centro de Pedagogia e Animação e que me fosse dada a tarefa de criar um departamento que pudesse desenvolver todas as artes – e não só a dança – para o chamado público jovem. E esta é a geração que começou comigo. São pessoas que conheço muito bem, que estão a tomar mão das coisas, e isso também me orgulha imenso: saber que há uma geração, agora, que se aproxima dos 40 anos, que tem o pulso daquilo que poderá ser a atividade artística e cultural para o novo público jovem.

E onde se encontra a Madalena nessa atividade, agora?

Eu estou numa zona diferente. Ao olhar para a panorâmica da atividade nacional, acho interessante movimentar-me para zonas que ainda não estão desbravadas, em vez de competir com aquilo que já está. Por isso é que estou mais fora. No Centro, já está esta nova geração a atuar muito bem.

A propósito de gerações e evoluções, Paulo Ribeiro, coreógrafo, disse que os coreógrafos portugueses têm uma autenticidade diferente: “Aqui andamos sempre de cabeça levantada a ver o que se passa, temos uma forma mais luminosa.” Concorda?

Sim, claro. Se a pessoa não tem luz, não dança. Se a pessoa é da dança, é porque tem esse gosto de trabalhar a presença e a luz do corpo – do seu e dos outros com quem trabalha. Porque a ferramenta da criação é a energia do corpo. Somos nós, as pernas, os braços, o tronco, e aquilo que está dentro de nós.

Costuma dizer que a dança vem do escuro do corpo.

É daí que ela sai. Claro que aquilo que fazemos e somos é o resultado de um contacto com o exterior; mas é precisamente essa relação entre o interior de nós e o exterior do mundo que surge a nossa linguagem ou o nosso trabalho. E estar de cabeça erguida à procura tem que ver com as dificuldades que vêm com esta disciplina.

Que dificuldades são essas?

Por exemplo, os meus pais tiveram muita dificuldade em aceitar a minha escolha. E já aconteceu pessoas dizerem-me que tinham o sonho da dança e que esse lhes foi coartado. Muitas vezes, essas pessoas querem dançar e não as deixam. Porque não é a disciplina certa, ou não é o futuro mais adequado ou conceituado. Ainda se acha que a dança é uma disciplina menor.... Claro que também se sabe que a dança é uma arte extraordinária e muito elevatória. Mas nem todas as pessoas que vivem no nosso país estão alertadas para essa beleza e importância que a dança pode ter... Por isso é que é tão importante que seja difundida e apresentada em todos os teatros do país.

Desde que voltou para Portugal, e nestas últimas décadas, o seu trabalho tem sido evidenciado pela criação de muitos projetos culturais e artísticos de dimensão comunitária. É importante pôr a vida no palco e o palco na vida?

Claro. O meu trabalho é, sobretudo, de aproximação da linguagem da dança às pessoas. Faço-o através de mecanismos e de um método que fui desenvolvendo. Tenho 60 anos, já estou a fazer isto há muito tempo, e vou desenvolvendo maneiras de trabalhar que podem ser eficientes e trazer alegria às pessoas – a de poderem viver o seu corpo de uma forma nova e diferente. Por outro lado, fiz muitos projetos que se relacionam com instituições teatrais, que fazem as populações entrarem para dentro do teatro e sentirem-se em casa.

Levar as pessoas ao teatro, tão simples quanto isso?

É a entrada de pessoas dentro de um edifício que habitualmente nunca visitam. Fiz isso, recentemente, com o Teatro Nacional D. Maria II, em que o meu elenco, além de ter um conjunto de artistas, tinha um conjunto de convidados que vinham das prisões, que vivem na rua...

A *Estação Terminal*.

Sim. Esses convidados vieram do instituto prisional, da cegueira, do mercado negro africano que está mesmo ao lado do teatro... Pessoas que nunca entraram dentro daquele edifício, e que olham para ele todos os dias. A penetração de uma população que parece não ter direito, ou espaço, para poder entrar, é uma experiência que as transforma na relação que podem ter com um

edifício que se transforma na sua própria casa, onde podem dormir a sesta, vender os seus produtos, transformar-se, e ver-se num outro plano da sua própria pessoa. Ao dançar e participar num projeto, compreendem o papel que a arte pode ter na cidade.

As elites culturais ainda são tão nítidas assim?

No nosso país, há ainda uma elite que é cultivada, culturalmente. E depois há uma população de dimensões muito grandes que não tem essa vivência e essa prática. O meu trabalho é um trabalho sobre esse campo humano, onde essas pessoas se tornam pares dos artistas.

Como chega a essas pessoas?

Vou ter com elas. Perco horas. A *Estação Terminal* tinha pessoas do mundo psiquiátrico, que vivem na rua; tinha pessoas muito pobres, que não têm trabalho nem casa; tinha pessoas em regeneração; tinha um grupo africano de mulheres do mercado negro; tinha pessoas que estão na fronteira da identidade de género...

Eram cerca de 60 ou 70.

Eram 90, no total. Depois vieram, também, alunos da Escola Superior de Dança. É uma Babilónia humana que se junta para abordar temas que têm que ver com a condição humana, um assunto que me interessa.

Considera que a arte é uma intervenção social?

Há quem pense de outra maneira, mas eu acho que a arte serve para transfigurar o mundo. Nunca me esqueço dos músicos judeus que nos campos de concentração faziam orquestras clandestinas, dentro das casernas, para conseguir sobreviver. Para aguentar mais um dia. A música dava-lhes o alento e a energia para continuar.

É uma arma?

Sim. A arte tem essa capacidade de nos trazer para fora do mundo real e, ao mesmo tempo, de nos preparar para embatermos nesse mundo de outra maneira.





Com outras capacidades?

Sim, que, no mundo real, parece que estão suprimidas. E essa possibilidade de poder olhar o mundo de uma forma mais tolerante, ou mais rasgada, onde o erro e a imperfeição são possíveis... O meu trabalho, por exemplo, é todo imperfeito. Há quem não goste [risos]. Mas a perfeição do meu trabalho está na relação humana. E essa eu sei que é muito perfeita, na maneira como todos aqueles que estão envolvidos nos trabalhos se encontram, e tecem ligações do foro humano e afetivo que os torna descontraídos. A dança é feita de tensão e relaxação – é na tensão da união e da coesão energética, que existem nos grupos com quem trabalho, que depois se distende tudo. E tudo é possível. O sorriso sem dentes é possível e é maravilhoso... e belo.

Aqui entra também o Festival *TODOS*, uma grande imagem dessa diversidade. É importante esta ideia de comunidade e envolvimento, para que a se diversidade se continue a mover?

Sim. O Festival *TODOS* é um festival da Câmara Municipal de Lisboa e da Academia de Produtores Culturais, em que o Miguel Abreu, o Giacomo Scalisi e eu programamos para um bairro específico. É um festival nómada, que já vai na sua terceira zona. Vai agora para a nona edição. Começámos no Intendente, numa altura em que as pessoas tinham medo de lá entrar, e que hoje está na moda. Isto não quer dizer que é por causa do *TODOS* que as coisas mudam, mas ajuda. Sabemos que chamamos a atenção para os bairros a partir do assunto da interculturalidade, mas não fazemos só isso... Parece que a energia que se cria dentro do festival, e os milhares de pessoas que vêm vivê-lo, começam a sentir-se atraídos por aquele local.

Para depois regressar?

Não é só para voltar, mas também para nele agir. E isso é fantástico. Começam a abrir lojas e começa a haver negócios, projetos. Há até uma revitalização das coisas locais que estavam adormecidas. Portanto, sabemos que o Festival *TODOS* é um instrumento de dinamização dos bairros, para espoletar, no futuro, novas dinâmicas. Traz ao bairro uma nova vida e, ao mesmo tempo, faz sair dele aquilo que de mais ancestral Lisboa tem, que é a sua interculturalidade. Isso dá-nos imensa alegria e, ao mesmo tempo, força para continuar.

A próxima edição, a realizar no Campo de Santana, fala da ideia – atual – de muro.

De como se desfazem e de como se constroem muros, também. É o caso do do Estados Unidos da América, que é uma coisa tremenda. Mas é muito importante ter a consciência de que às vezes, sem sabermos, estamos a criar esses muros. E é preciso chamar a atenção para isso. Não é só a ideia romântica de desfazer os muros.

Dizia que é uma mulher da dança, física, com movimento dentro. O movimento é sobretudo ir ao encontro das pessoas e trazer novas memórias?

Sou uma mulher de movimento, sim. Vejo a dança em todo o lado.

A sua maior inspiração são as surpresas escondidas na rotina?

Sim. É bonita essa frase. As surpresas escondidas na rotina. Das primeiras aulas de dança que tive em Londres, o professor levou-nos para a rua e deu-nos parâmetros de observação muito simples: ver pessoas encostadas nas paragens do auto-carro; pessoas sentadas; pessoas a andar. Observar e perceber o que está a acontecer. Uma verdadeira desconstrução analítica dessas mesmas posturas, formas de se mover e estar na grande cidade. Lembro-me que essa aula me ensinou que a dança estava na rua.

Sente que resgata da vida histórias em movimento?

Sim. Há pequenas histórias que se podem começar a compor a partir da observação. Temos partes do corpo e o corpo como um todo, temos um *spot* e temos linhas curvas com vários níveis. Se isso tudo for transposto para uma zona abstrata, já temos material para fazer uma peça. Uma peça do nada. Mas do tudo.

A dança pode ser uma linguagem do efêmero, mas há coreografias e momentos que ficam, certamente. Que momentos são esses?

Os que me ficam mais na memória são os trabalhos dos outros. Dos grandes coreógrafos. Esses trabalhos são as minhas referências, sempre. Claro que trago comigo todos os meus projetos...

E as pessoas, sobretudo.

Que são milhares de pessoas. Encontro-as muitas vezes e não sei o seu nome, nem sei o projeto...

Mas sabe as suas histórias?

Já não consigo, porque são mesmo milhares. Conheço o sorriso, o corpo, o cabelo, os olhos.... Aquilo que gosto de pensar é que fica o lastro da nossa relação. Fica nos interstícios das suas vidas e da sua pessoa, como fica na minha. Sem que seja possível dizer o nome, a data, o projeto. Isso a mim não me interessa tanto. Interessa-me a energia, como corre, e como vai desenvolvendo outras. Muitos dos meus projetos fazem namorados e amores e casamentos e filhos e viagens e novos projetos e pessoas que a partir dali começaram a construir. Essa é a potência do meu trabalho.

E de que danças, desses outros, se lembra mais?

Por exemplo, toda a obra da Pina Bausch, até um certo ponto, interessa-me imenso. A Vera Mantero, a Tânia Carvalho... Tantos.

É tão importante estar no palco do Teatro Nacional D. Maria II como numa aldeia em Viseu?

Muito importante. Sou uma mulher do terreno. Gosto muito da vida simples e do terreno. Como gosto muito de teatro, sinto que aquilo que posso trazer de singular, ou de importante, é precisamente trazer o terreno para dentro do teatro. E isso aprendi com muitos criadores. Tenho feito muitos trabalhos em sítios que transfiguro em palcos. O palco em si é mais difícil para mim. Mas também tenho aprendido a criar soluções. Agora, no D. Maria II, consegui fazer isso. Utilizei o teatro todo, portanto, a plateia também era palco. Consegui tirar a formalidade...

... desfazer as linhas?

Exato.

A primeira vez que encenou foi em 2001.

A minha primeira peça mais conhecida foi em 1990, acho. É a *Torrefação*. Mas eu sempre coreografei, só que ninguém via nada, porque não me preocupava com o público. Houve um espetáculo, *A queda num lugar imaginado*, em 1986, que, de facto, foi visto por muita gente. O António Pinto Ribeiro, que na altura escrevia para o jornal *Expresso*, ficou perplexo e escreveu um artigo muito grande e com impacto. Acho que foi nesse dia que percebi que era coreógrafa.

Foi o momento?

Sim, porque houve esse reconhecimento público. Porque até aí eu estava muito preocupada – e ainda estou – em fazer. Fazer somente, mesmo que ninguém veja. Fico contente, claro, quando as pessoas gostam, e quando há um prémio maravilhoso como este, para eu trabalhar mais.

Neste momento, tem vários projetos em mãos. Entre eles, está o *Lavrar o Mar*, um projeto contra a ditadura da sazonalidade no Algarve, apoiado inclusivamente pelas tutelas da Cultura e Turismo.

É o programa 365 Algarve, da secretaria de Estado da Cultura e da secretaria de Estado do Turismo, que se uniram para criar esta linha de apoio para projetos para o Algarve, transversalmente. Lavrar o mar é uma expressão da técnica de apanha da sardinha. Por outro lado, é também o título de um livro do Daniel Sampaio sobre a adolescência.

Sobre a turbulência da adolescência.

A adolescência, exatamente, essa fase da vida tão intensa. Nós queríamos que este projeto também tivesse essa intensidade.

E que gerasse turbulência para mexer as águas, para criar?

Agora estou a criar, na residência artística, que se desenha até abril, uma espécie de nova companhia artística, com artistas que estão naquela região, do circo ao teatro de rua, às danças africanas, passando pela música. É essa dinâmica cultural e artística que queremos imprimir ao território, com projetos que vêm de fora, mas também são escolhidos muito cuidadosamente para poderem embater, ou relacionar-se, ou dialogar com o território, com a população que ali está, muito complexa, muito rica. Há imensa gente que vem de fora e há a população local, que sempre ali viveu. É muito rico. É mesmo muito rico.

Preocupa-se com a educação artística de cada e de todas as pessoas.

Sim. Por isso é que sou professora, também. Tudo se mistura: a programação cultural com as criações, com o ensino... É outra vez a tal sujidade, ou a tal imperfeição, que por vezes podemos ver no meu trabalho. Não é só uma coisa feita do princípio ao fim, toda direitinha, mas uma movimentação.

É professora, é programadora, é coreógrafa e, às vezes, é tudo no mesmo projeto. Essa multiplicidade é fulcral?

É, porque não consigo separar as coisas. Aliás, acho que comecei a cruzar e a juntar, porque senti que cada coisa se enriquecia e se completava com outro olhar. Assim, é muito mais frutífero. Às vezes, as coisas não se conseguem separar. E parecem-me fazer muito sentido.

Está a desenvolver um projeto de artes do espetáculo em ambiente rural nas escolas, em Odemira.

Sim. O *Miragem*.

É importante intervir nesse princípio de vida para conseguir um futuro com vida?

Sim. Odemira é uma municipalidade rara, no sentido em que apostou, através de um dos seus vereadores, nesta ideia de poder trazer a todas as escolas do concelho uma experiência artística que pode formar as crianças na abertura de horizontes e na sensibilização para o campo artístico e estético. Então, dentro desse programa, o *Miragem*, que já vai no terceiro ano, estamos a desenvolver dois grandes campos de atividade: espetáculos que vêm de fora, de uma nova geração que produz e cria espetáculos para a infância, e criações, de raiz, feitas com crianças ou adolescentes e artistas.

Tem sempre vários projetos em mão.

É uma inquietude ou é uma virtude?

Pois [risos]. Sou um pouco *workaholic*. Gosto muito de tudo o que faço. Enquanto tiver essa energia e puder, vou fazendo.

Em 2015, foi distinguida com outro grande prémio: Mulher Criadora de Cultura. É o reconhecimento desta obstinação por este trabalho?

Fiquei muito contente, porque era também a Secretaria de Estado para a Igualdade que dava esse prémio.... Senti que estavam a valorizar essa ideia da democracia do corpo, em que todos, sem exceção, podem entrar num campo de encontro com outros através da prática da dança. É isso que tenho feito em muitos projetos. Esse prémio deu-me prazer nesse sentido, dessa valorização humana que o meu trabalho tem.

O tema da Semana Cultural da Universidade de Coimbra deste ano é Quem somos? – passeando-se nesta dúvida, e nesta identidade. Quem é a Madalena Victorino?

Não sei. Não sei mesmo. Acho que sou aquilo que faço. Tenho medo de mim.

Medo de olhar para dentro?

Sim, de me perder dentro de mim. E daí talvez a minha obstinação pelo trabalho, porque é uma atividade que me leva para fora. Vou buscar dentro aquilo que é preciso. Agora, mergulhar mesmo para dentro de mim, para saber quem sou.... Tenho muito medo disso. Por isso, não sei muito bem quem sou. Sei que sou uma mulher que corre, corre com o tempo, com as pessoas, pelo mundo.



Paulo Bernardino Ser (da) música

MARTA POIARES

Maestro, compositor, investigador, professor, organista e pianista. Homem de sete ofícios musicais, Paulo Bernardino tem como primeira memória musical a imagem do seu avô, agricultor que fazia de ouvido a sua música, e do seu pai, que tocava acordeão e que pertencia, ainda, ao rancho da Cumeeira. Numa família em que a música se repete tanto por gosto como por tradição, mais do que natural foi quando Paulo Bernardino, nascido em 's-Hertogenbosch, no Sul na Holanda, em 1973, insistiu para que lhe comprassem um piano: “Lembro-me perfeitamente de gostar dos martelinhos do piano. Chateei o meu pai até ele me ter comprado, na minha segunda classe, um acordeão e um órgão (mais vocacionado para a música ligeira).”

Das raízes portuguesas às tradições holandesas, a música acabou por marcar, sempre, presença mais do que certa. Iniciou os seus estudos musicais aos sete anos na Escola de Música Jeroen Bosch, na cidade de s’-Hertogenbosch, e ao mesmo tempo iniciou os estudos em órgão e acordeão com Anne Rücker, “uma pessoa e pedagoga espantosa”.

Pouco tempo depois, descobrir-lhe-iam, também, o rumo na voz: o Mestre Capela da Catedral de 's-Hertogenbosch ouviu-o e reconheceu-lhe o talento, tendo Paulo Bernardino ingressado na *Schola Cantorum*, coro da mesma catedral. Foi aí que viveu intensamente a tradição musical franco-flamenga e que, garante, se abriram as portas para um vasto repertório que cobre tanto a polifonia renascentista, como o canto gregoriano ou a música contemporânea. Como maiores influências aponta, aliás, o lugar e a pessoa: a catedral e o

maestro do coro, o Padre Maurice Pirenne que, “além de um grande maestro, era simultaneamente um grande pedagogo, compositor e organista” ensinaram-lhe a essência da música: “Os músicos que são músicos são aqueles que sabem compor, que percebem a linguagem da música, sabem interpretá-la, e ao mesmo tempo são capazes de as dirigir. Isso era o meu conceito de música desde pequeno.”

Em 1986, com 13 anos, a vinda para Portugal soube, sobretudo, a ausência: “O que mais me marcou foi a inexistência do coro, de toda a cultura musical associada à catedral, de toda a prática musical instrumental. Foi o que me fez chorar todos os dias, porque em Portugal não havia nada disso. Não existia e continua a não existir. Parecendo que não, vir para Portugal, naquele ano, foi quase recuar um século.” O ano de regresso, por força das diferenças no ensino, foi, para Paulo Bernardino, um ano de paragem. Não havendo nada no Avelar, local que o recebeu, acabou por ter de se mudar para Coimbra, onde foi, juntamente com a irmã, um dos primeiros alunos da nova Escola de Música São Teotónio, em 1987.

Ainda que hoje se tome por óbvia, nem sempre da música fez os seus sonhos. Paulo Bernardino chegou a querer ser médico durante algum tempo, por influência de um grande amigo do pai, mas a Biologia trocou-lhe as voltas ao futuro: “Quando vim para o São Teotónio, no 9.º ano, era bom aluno a tudo, menos a Biologia. Logo, e como estava em Tecnologias, tive de repensar o que queria seguir e acabei por escolher Engenharia Eletrotécnica.”

À frente no conhecimento e na vontade aprender, terminou os cinco anos de estudos em apenas três, seguindo depois para o Conservatório de Música de Coimbra. Mais tarde, acabaria por ser o primeiro ex-aluno a ser professor da Escola de Música São Teotónio: “Mal fiz 18 anos, Cristina Faria, diretora do São Teotónio, convidou-me para lá dar aulas.” Na primeira aula que deu, de Formação Musical, era dos mais novos da turma: “Quando abri a porta, ninguém quis entrar na sala. Pensavam que estava a gozar com eles [risos].” Já antes disso, aos 13 anos e em regime não oficial, tinha dado aulas de acordeão e de órgão em casa, em Penela. Na altura, foi a necessidade que fez o(s) ofício(s): “Coincidiu com a minha chegada a Portugal. Andei à procura de professores e não havia ninguém... E como já tinha atingido independência técnica, fiquei como organista na Igreja de São Miguel, em Penela. Estive lá cerca de dez anos e as pessoas começaram a querer aprender. Então, os meus fins de semana eram passados a dar aulas em casa a quem aparecesse.” Na vida de Paulo Bernardino, do desdobramento à multiplicação sempre se fez viagem curta: ao mesmo tempo que cursava Engenharia Eletrotécnica na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (UC), completou o curso de Piano, em 1995, e integrava 11 grupos musicais diferentes: “Quando olho para trás, nem sei bem como fazia. Coros, grupos de música popular, o coro de igreja... Tinha sempre muitos ensaios e raramente frequentava as aulas, a não ser nas práticas.” Foi nessa altura, aliás, que

recebeu o convite dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra para ser adjunto do seu diretor artístico, Augusto Mesquita, lugar que ocupou de 1994 a 2003.

A consciência de que a engenharia não faria parte do seu futuro foi evidente: estar num gabinete fechado não se avisaria como plano. O curso prolongou-se por seis anos para que pudesse, na altura, frequentar, de 1991 a 1994, o Curso Nacional de Música Sacra em Fátima, curso promovido pelo Secretariado Nacional de Música Litúrgica.

E apesar de, no final do curso de Engenharia, lhe terem chegado dois convites especiais - para dar aulas na Escola Superior de Educação e para fazer mestrado em Engenharia Informática -, recusou, com certeza no desejo: “Não, vou estudar música primeiro. Quando souber música a sério, nós conversamos.”

É nessa altura, precisamente, que ingressa no Curso de Música Sacra na Universidade Católica do Porto, onde se aproxima da perspetiva do Mestre Capela, à semelhança de um Bach ou de um Mozart: um estudo aprofundado e simultâneo da composição, da performance instrumental (órgão, piano e cravo) e da direção coral e de orquestra, a par de um vasto e abrangente plano curricular teórico. A intensidade era tão óbvia como a perícia: “Por dia, estudava duas horas de piano, duas horas de órgão, duas horas de cravo. Tecnicamente, era muito mais avançado do que qualquer colega. Houve professores organistas que chegaram a dizer que tinham vergonha de tocar à minha frente [risos].”



No caminho da aprendizagem surgiu, naturalmente, o ensino. Confessa que preferia as aulas coletivas às individuais, por suscitarem o debate, e que a burocracia lhe tirava tempo para ensinar, mas nem por isso a lista deixou de ser longa: deu Piano, Órgão, Acordeão, Formação Musical, Acústica, Novas Tecnologias e Música, Composição, Harmonia e Contraponto, História da Música, Prática Orquestral, Coro e Direção Coral, etc., em instituições como a Faculdade de Letras da UC, Universidade Católica Portuguesa, Instituto Piaget, Escola Superior de Educação de Coimbra, Conservatório de Música de Coimbra, Academia de Música de Perosinho, Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, Escola Diocesana de Música de Coimbra, etc. Hoje em dia, não dá aulas, por opção: “Parecendo que não, são quase 30 anos a dar aulas. É muito tempo. Além disso, estudei para ser músico, e nem estava a ser professor, nem estava a ser músico.” Maestro dos Pequenos Cantores de Coimbra, maestro do coro em Penela e, ainda, do Grupo Coral de Urrô, tem agora um objetivo claro: fazer música e terminar o doutoramento em Direção Coral, na Universidade de Aveiro, que frequenta desde 2011.

Por muitos mundos em que se mova, o nome de Paulo Bernardino continua a encontrar-se, ainda assim, associado a um claro posto: é um dos primeiros e dos poucos organistas em Portugal, único no distrito de Coimbra, com uma licenciatura em Música Sacra. “Isso significa que, além da formação técnica e musical de um organista profissional, tenho também formação na área da liturgia, teologia, improvisação e harmonização, disciplinas essenciais a um ministério litúrgico digno e eficaz.” Na memória, guarda como especiais o órgão da Capela do Seminário, que o leva para outro mundo numa nota apenas, e o órgão de um Convento de Semide, que apelida de mágico. Únicos são também, claro, os “seus” órgãos: o da Sé Catedral de Coimbra, de que é organista titular há 15 anos, e o da Capela da UC, onde está há uma década. E se a esses tempos e lugares associamos responsabilidade acrescida, para Paulo Bernardino mais se liga a um caminho por fazer: “São muitos anos de estudo, de dedicação, que ninguém entende. Sinto que ainda falta uma grande sensibilização e um grande conhecimento das coisas.” De duas frustrações - e lutas - maiores em riste, explica: “Tenho dois grandes objetivos que estou tão longe de atingir agora como estava há 20 anos: um dia, ter um grande órgão de tubos na região de Coimbra, que permita tocar todo um repertório que não é, hoje, possível tocar; e a criação de um coro de crianças ligado à Sé, à semelhança da experiência que tive na Holanda. Sinto que é a minha vocação.”

São esses futuros por cumprir - e a família em primeiro lugar - que o vão mantendo em Portugal (especificamente em Coimbra), mesmo que os convites para sair continuem a despontar: “Para mim, acima de tudo, está a família. E depois, acho que é muito importante fazer trabalho cá. Traz muitos dissabores, porque temos a mania de que tudo o que vem de fora é que é bom, mas se houver um trabalho de promoção conjunto, Coimbra pode vir a dar cartas ao mundo.” E afirma, em jeito de promessa: “Eu não saio daqui, sou persistente, sou chato [risos].”

Diz nunca ter tido ídolos ou sequer preferência por um instrumento; para Paulo Bernardino, em primeiro lugar, estará sempre a música como ela é: “Música é música, e eu gosto dela toda. Seja Bach, seja Piazzolla, seja *rock*, seja tradicional. Toda a música tem lugar e toda a música tem valor.” Garante nunca ter deixado de sentir emoção a tocar, mesmo nos momentos de eterna repetição ou de insistente cansaço: “Isso seria a morte do artista. Já muitas vezes fui tocar sem vontade, porque as pessoas que estavam à minha volta eram de uma incompetência tal, que estavam a dar-me vontade de fugir. Mas a música muda tudo.”





Ainda que não componha regularmente, é na composição, sobretudo, onde se encontram os seus extremos: a música sacra e a música tradicional portuguesa vivem e convivem na sua imaginação. É, aliás, na diversidade que se encontra - músico, maestro, organista, investigador, compositor e professor, Paulo Bernardino diz (re)ver-se em tudo isso: “Gosto dessa baralhação. Gosto de combater o pensamento fechado que confina uma pessoa que estuda música a um lugar apenas. Gosto muito de estar uma semana dedicada ao coro e, na semana seguinte, ter dois concertos de órgão... E gosto de estar num dia a tocar a *Sinfonia Alpina* do Strauss, com a Orquestra da Casa da Música, e no dia seguinte, estar em Montemor a tocar música tradicional portuguesa.” Para Paulo Bernardino, a música serve um propósito. E à semelhança de Bach, a maior parte faz pela maior glória

de Deus. Como momentos que a memória melhor guarda, refere a missa do centenário da paróquia de Espinho, o funeral da irmã Lúcia, onde tocou na Sé Catedral de Coimbra, ou a trasladação do corpo da Amália Rodrigues para o Panteão, onde tocou o hino nacional para o mundo todo, juntamente com os Antigos Orfeonistas. “São experiências que não se esquecem e que pouca gente pode dizer que fez. Arrepiam.” Sem espaço para dúvidas ou indefinições, para Paulo Bernardino é bastante claro que a música lhe desenha a vida, numa lógica de (sobre)vivência e felicidade: “Ser músico define a minha vida. Não consigo viver sem a música. Claro que temos de ter calor, energia, etc., para sobreviver. Mas vivemos para alguma coisa. E eu vivo para a música. Vivo para ser feliz.”

as histórias já não começam com “era uma vez...”

MARIA JORGE FERRO *

Pensar a Universidade neste tempo em que *o que foi* parece não importar nada, em que o que há de vir está sempre longe demais, o presente experimenta-se incerto, nebuloso, apesar do brilho [quase] constante dos *flashes* das imagens que virtualmente se guardam na convicção de nos fazerem perdurar para sempre. Neste tempo, perguntamo-nos: Para que sempre (se nem o agora se frui plenamente)? E como fruir o instante se há receios tantos a ter em mente? Proibições, defetos, medos daqueles que ninguém quer sentir?

No tempo em que o princípio parece só importar para referir a tão vetusta idade que conferirá importância a esta nossa Universidade só porque, de antiga que é, aqui chegou, a falta de reconhecimento do percurso por aí traçado desemboca num vazio, imponente vazio edificado nas paredes de tantos Colégios, das Faculdades, da Torre...

No tempo em que *o que há de ser* parece não trazer uma luz sequer no fundo de um canal estreito, cada vez mais estreito que nos salve, cada qual é recetor de um convite a fazer-por-si, “sem olhar a quem”, diria o povo?

Não. Não diria o povo. Diz apenas quem não pensa e se deixa vogar por aí, como se desse *andar pelo mundo* sem amparo pudesse resultar algum caminho novo. Como se desse *andar por aí* pelas salas e arquivos, pelas salas e laboratórios, pelas salas e anfiteatros ouvindo sem escutar, lendo sem (re)conhecer, falando sem assumir, se chegasse mais longe

que o pequeninho que se é. Não, é preciso dizer. Não! A Universidade de Coimbra (UC) é tão mais do que a sua história, tão mais do que a sua imponência, tão mais do que a sua vetusta idade: é Vida! É Possibilidade. A UC foi e será sempre possibilidade. Porque quem nela habita se atreve a comprometer-se com *o que importa*.

Para que serve a Universidade? O que é a Universidade? Quem é a Universidade? Três perguntas em ordem inversa, porque é mais fácil (menos difícil?) pensar nos “para quê”, no “o quê” e só depois no “quem”. Como se de uma pessoa se tratasse (o que, juridicamente, é!). Como se de um ser vivo uno e completo se pensasse. Não que a pessoa tenha de “servir para” ou que a pessoa tenha de ser definida como algo preciso e imutável, não que a pessoa tenha de ser um ser sempre a mesma coisa, sempre igual... Não que tenha de ser assim, mas sendo, aqui vamos na desmanda de palavras a tentar esclarecer (1) para quê, (2) o que é, (3) Quem é, a Universidade.

Das tantas escritas maravilhosas que tenho lido, há uma constatação de Almada Negreiros que me acompanha desde o dia em que com ela me topei. É esta, *d'A Invenção do Dia Claro*, de 1921 [por exemplo na (re)edição de 1993, à página 13]: “Quando eu nasci, as frases que hão de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa – salvar a humanidade...”. Esta ideia que, como digo, me acompanha de modo indelével, garante-me um mal-

Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Camalônica – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra



-estar fininho que não permite assombros nem descansos.

(1) Como “salvar a humanidade” e de quê? De si mesma? (Salvar a humanidade) *De si mesma* é uma realidade que, de certo modo, temos vindo a deixar que ganhe forma no nosso tempo de vida. Contudo, não é um *salvar*, pelo contrário; tem antes sido um perder, um entregar, um esvaziar. Se da ideia de Almada eu retirava sempre o potencial de construção, agora que me vejo confrontada com o desafio de pensar a identidade desta que é a minha Escola, em certa medida, a minha vida, apercebo-me de como é impossível salvarmo-nos do que nos é intrínseco e, por isso, antes de pensar em salvação, importará assumir o compromisso da (re)construção. Isto. Simplesmente assim. Assumir a necessidade permanente de, a cada dia, nos avaliarmos para não perdermos *O sentido das coisas*, para nos recompormos na direção do Humano, do que de mais humano importa salvaguardar: a dignidade! A justiça. A beleza. Qualquer que seja a sua forma, a sua cor, o seu tom, a beleza. Perceber que a Humanidade não tem de ser salva. Tem de se querer *salvar*, tem de se querer renovar. A identidade da UC é esta. A do potencial imenso de nos permitir pensar para fazer melhor, parar para pensar mais além. Do potencial para... Talvez seja isto que falta à Humanidade (como à Universidade): perceber a necessidade crucial de parar para pensar antes de agir porque, por vezes, é urgente agir

“duas vezes antes de pensar” (como dizia o Chico Buarque, *Bom Conselho*, 1973) e só age dignamente quem sabe que as suas ações estão pensadas porque assentes no seu comprometimento pessoal com o Humano.

A Universidade é, também, o tempo próprio para definir quem se é e como se quer ser, como se quer fazer. Fazer a vida, fazer o saber, fazer o caminho, fazer o ser. A Universidade serve para perceber isto.

Como me atrevo a dizer que só age bem quem já antes pensara melhor? Recorro a Pedro Nunes (1502-1578). O *nosso* Pedro Nunes, cosmógrafo real, matemático, professor da UC. Se para pensar a identidade podemos assumir-nos em busca de rumo, nada melhor que beber na fonte. Talvez no século XVI tenham percebido a incrível clarividência deste matemático, certamente encontraram bom uso para as suas medidas, ideias, desenhos, perspetivas... Contudo, o que me importa agora aqui é remeter para o modo como o próprio se entregava à busca, à interrogação, ao cuidado pela escuta de dúvidas, de questões que lhe chegavam. A ponto de ter escrito um *Tratado sobre certas dúvidas* (da navegação), onde (de)mo(n)stra que para chegar de *a* a *b*, (especialmente se) sabendo bem onde se quer chegar, o caminho não é necessariamente aquele que parece o mais rápido, o mais curto, o mais imediato (extrapolarei eu). Como na vida (longe de ser uma superfície plana), nem sempre a linha

reta é o caminho mais curto, portanto. Nem sempre cortar a direito trava desvios, enganos. Pelo contrário, até, como a Matemática bem mostrava. Por outro lado, quando nos dias de hoje as interrogações se colocam acerca das perspetivas deste eminente homem da ciência e a (à época) subversivíssima teoria heliocêntrica proposta por Copérnico (seu contemporâneo 1473-1543), importa lembrar que Pedro Nunes se lhe referiu enfatizando a sua correção matemática, a sua lisura enquanto proposta científica, sem se *perder* em derivas teológicas que o comprometeriam, bem certo, mas que – e isto é que me faz trazer a constatação – não lhe caberiam: um matemático, convidado a apreciar o trabalho de um par, conclui na linguagem dessa matéria. Ora, bem certo que nenhuma palavra é vã e nenhuma ideia independente de ação política, mas cada leitor, cada leitora, procederá à sua própria construção de saber e possibilidade de ação. É para isto que a ciência tem de ser a solução, é assim que a ciência salvará a humanidade: procurando incansavelmente descrever a realidade, descortiná-la, encontrar-lhe padrões e surpresas, provocá-la, às vezes, também. Quando em liberdade e hábito de pensamento crítico, qualquer Humano estará em condições de fazer escolhas, de decidir, de atuar. De um fazer assente em saber. É esta a ideia chave que na Universidade tem de permanecer. A Universidade como tempo e espaço onde se encontra o tempo ótimo

para interrogar e discernir, para pesquisar e construir, para rever e relemburar, para projetar e ir mais além. Numa linha reta? Rápida? Sem entraves, rodeios ou obstáculos? Não! Com linha de rumo. Numa rota em espiral. Em *equilíbrio majorante*, diria uma conclusão de estudos acerca do desenvolvimento humano. Loxodrómica, quase há 500 anos mostrou Pedro Nunes, aqui, na UC (2)!

Mas então, (3) quem é a UC? É de histórias que se faz a História. É de certas dúvidas que se parte à descoberta de quem se é, quando juvenzinha a pessoa está a construir-se como personalidade, precisamente – uma expressividade única, como defendeu um outro professor desta Casa, Álvaro Miranda Santos (1925-2009), que afirmava “errar não é humano. Humano é corrigir o erro”. É porque a sede de saber, de conhecer, de compreender, de projetar, de desejar mais longe, mais alto, mais além é tão humana que a Universidade tem de aí estar. Para ser lugar e tempo onde a vida se perceba maior. Pois sabendo que nenhuma expressão esgota todo o potencial da expressividade humana (cf. Miranda Santos, 1989), reconhecemos que nenhuma expressão é totalidade ainda que em si seja total, seja necessariamente uma completude. Nenhuma expressão é unívoca de indivíduo, mas é indispensável para que se conheça esse indivíduo–autor ou autora dessa (e não qualquer outra) expressão. Assim é *A Universidade*.

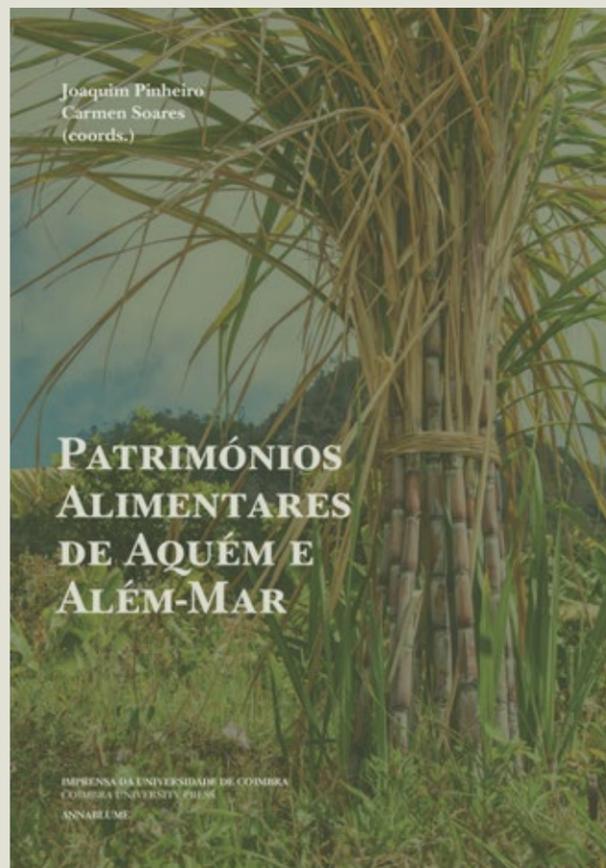


Exposição da 19.ª Semana Cultural da Universidade de Coimbra:
Camalóonica – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

A Universidade que está aí para ser lugar e tempo, por excelência, para criar condições de desenvolvimento para a construção de conhecimento. A Universidade é um coletivo que se orienta no cumprimento de uma missão, tal como constará do que é o seu guia – os seus Estatutos. Tem uma Responsabilidade Social, Política, que cumprirá como Escola, como Serviço, que É.

A UC é uma universidade como qualquer outra? Agora talvez seja, em tantos aspetos, como qualquer outra, mas essa *igualdade* não a pode descaracterizar, esse respeito pelas exigências dos novos tempos tem de lhe garantir mais, muito mais que isto de cumprir critérios que podem descaracterizar tem, ao invés, que assumir-se com missão de vanguarda. Assumir-se como organismo vivo onde cada pessoa conta e cada vida importa porque só assim será maior. Será melhor. Uma Universidade assente no pluralismo, na disponibilidade para ser, acima de qualquer outro desígnio, capaz de promover o pensamento crítico, a reflexão assente em princípios incontornáveis: a beleza! A justiça! A dignidade! Isto mesmo, o lugar-tempo onde todas as pessoas (co)laboram para garantir que a Humanidade é o seu Norte e que as linhas que para aí traçam se desenham ponderadas, livres, comprometidas apenas com aqueles três Valores enunciados. Será esta a identidade da Universidade. Para mim, bem certo, para mim... E não estarei só, certamente!

* Professora Auxiliar da Universidade de Coimbra



Título: *Patrimónios alimentares de aquém e além-mar*
Coordenadores: Joaquim Pinheiro e Carmen Soares
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume
Série: *Classica Digitalia*.
Série DIAITA: Scripta & Realia
Ano: 2016

Os estudos reunidos neste volume refletem, de uma forma geral, sobre a alimentação enquanto elemento de extraordinário valor cultural e identitário. Com abordagens diversas ao património alimentar, seja numa perspetiva linguística, seja numa análise mais literária ou cultural, com o devido enquadramento histórico, social e espacial, o conjunto dos trabalhos realça a importância desta temática, desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias. Na verdade, a alimentação e tudo o que com ela se relaciona conduzem-nos por uma viagem reveladora da forma de vida

do Homem e do seu relacionamento com a natureza e com outros seres vivos.

Os 34 contributos da obra estão reunidos nos seguintes capítulos: 1. Alimentação: património imaterial; 2. Alimentação e património literário; 3. Alimentação e património linguístico; 4. Alimentação: saúde e bem-estar; 5. Alimentação: sociedade e cultura; 6. Alimentação e diálogo intercultural. Com este volume pretende-se, também, abrir perspetivas sobre novos domínios de pesquisa do património alimentar como fonte de saber essencial para a atualidade.

LIVROS

19.ª SEMANA CULTURAL DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Título: *Que Universidade? Interrogações sobre os caminhos da universidade em Portugal e no Brasil*
Autores: Luís Reis Torgal e Angelo Brigato Ésther
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2014

Título: *A Universidade de Coimbra: o tangível e o intangível (2.ª edição)*
Coordenadores: José Francisco de Faria Costa e Maria Helena da Cruz Coelho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2015

Título: *A Universidade de Coimbra (2.ª edição). Quadrilíngue*
Autores: Luís Reis Torgal e Pedro Dias
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2015

Título: *A Imprensa da Universidade e a consciência crítica*
Auto: Luís Reis Torgal
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2015

Título: *Do Sul ao Sol: a Universidade de Coimbra e a China*
Coordenadores: José Pedro Paiva, José Augusto Cardoso Bernardes e Paulo Gama Mota
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2013

Título: *A Universidade de Coimbra e o Brasil*
Coordenadores: José Pedro Paiva e José Augusto Cardoso Bernardes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2012

LIVROS:

Título: *Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur russe: manuscrito de Ribeiro Sanches (1766): leitura, transcrição, tradução e comentários filológicos*

Autor: Brian F. Head
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Documentos*
Ano: 2016

Título: *Eu mesma matei meu filho: poéticas do trágico em Eurípides, Goethe e García Lorca*
Autor: Claudio Castro Filho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: Classica Digitalia. *Humanitas Supplementum • Estudos monográficos*
Ano: 2016

Título: *A actualidade da Pedagogia de João de Deus*
Autores: Maria Helena Damião e António Piedade
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Documentos*
Ano: 2016

Título: *Compaixão, expiação e indiferença do Estado: notas sobre a tragédia de Entre-os-Rios*
Autor: Pedro Araújo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2016

Título: *A estética da comunicação social - a improvisação*
Autor: Jorge Lima Barreto
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Município de Vinhais
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *Nanotecnociência e humanidade*
Autores: Monique Pyrrho e Fermin Roland Schrram
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume
Série: *IUC / Annablume*
Ano: 2016

Título: *Cadernos da Mediapolis*
Autor: João Figueira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *História da Diocese de Viseu. Vols. I, II e III*
Coordenador: José Pedro Paiva
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Diocese de Viseu
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *Livros Quinhentistas da Coleção Visconde da Trindade*
Autora: Maria da Graça Pericão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Documentos*
Ano: 2016

Título: *Do Minho ao Mandovi. Um estudo sobre o pensamento colonial de Norton de Matos*
Autor: Sérgio Neto
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *História Contemporânea*
Ano: 2016

Título: *Geografia, paisagem e riscos: livro de homenagem ao Prof. Doutor António Pedrosa*
Coordenador: Luciano Lourenço
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Riscos e Catástrofes*
Ano: 2016

Título: *Vida da Faculdade de Letras 2015-2016*
Autoria: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Documentos*
Ano: 2016

Título: *Estrabão. Geografia. Livro III: Introdução, tradução do grego e notas*
Autores: Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume
Série: *Classica Digitalia. Série DIAITA: Scripta & Realia*
Ano: 2016

Título: *Interdisciplinaridade e Universidade*
Coordenadores: António Rafael Amaro, João Paulo Avelãs Nunes e Álvaro Garrido
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *III: Conferências & Debates Interdisciplinares*
Ano: 2016

Título: *Arquéstrato, Iguarias do Mundo Grego. Guia Gastronómico do Mediterrâneo Antigo*
Autora: Carmen Soares
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume
Série: *Classica Digitalia. Série DIAITA: Scripta & Realia*
Ano: 2016

Título: *Patrimónios alimentares de quem e além-mar*
Coordenadores: Joaquim Pinheiro e Carmen Soares
Coedição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume
Série: *Classica Digitalia. Série DIAITA: Scripta & Realia*
Ano: 2016

Título: *A linguagem na Pólis*
Coordenadores: João Corrêa-Cardoso e Maria do Céu Fialho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2016

Título: *Bénédicte Houart*
Autor: Helder Gomes Cancela
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Poesia XXI*
Ano: 2016

Título: *Manuel António Pina*
Autor: Rui Lage
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Poesia XXI*
Ano: 2016

Título: *Adília Lopes*
Autor: Ana Bela Almeida
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Poesia XXI*
Ano: 2016

Título: *Estrutura, personagens e enganos: introdução à leitura de As Bâquides de Plauto*
Autor: Cláudia Teixeira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Classica Digitalia. Autores Gregos e Latinos - Ensaios*
Ano: 2016

Título: *A Faculdade de Direito de Coimbra em retrospectiva*
Autor: Rui Manuel de Figueiredo Marcos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2016

Título: *Opera Omnia. Tomo I. Manuel Pimenta, S. J.*
Estabelecimento do texto latino: Sebastião Tavares de Pinho e António Guimarães Pinto (intro., trad. e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Portugaliae Monumenta Neolatina*
Ano: 2016

Título: *Enseñar español en la actualidad: contribuciones didáticas*
Autoras: María Luisa Aznar Juan e Elena Gamazo Carretero
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2016

Título: *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*
Coordenadores: Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho e Delfim Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Classica Digitalia. Humanitas Supplementum • Estudos monográficos*
Ano: 2016

REVISTAS:

Título: *Media & Jornalismo*, n.º 29, vol. 16, n.º 2 – 2016
Média e colonialismo(s)
Diretores: Estrela Serrano, Francisco Rui Cadima e Marisa Torres da Silva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: Debater a Europa, n.º 15
Diretora: Maria Manuela Tavares Ribeiro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Atlantis - Review n.º 12*
Coordenador: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Territorium n.º 23*
Diretor: Luciano Lourenço
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Revista Portuguesa de História tomo 47*
Diretora: Maria Helena da Cruz Coelho
Coordenação do volume: Maria Antónia Lopes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Revista Estudos Século XX*, n.º 16
Diretor: António Pedro Pita
Coordenação do volume: Álvaro Garrido
António Rafael Amaro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Archai: Revista sobre as Origens do Pensamento Ocidental*, n.º 19
Diretor: Gabrielle Cornelli
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Psychologica*, n.º 59-1
Diretor: Rui Paixão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Debater a Europa*, n.º 15 - Supplementum
Diretora: Maria Manuela Tavares Ribeiro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Revista de História da Sociedade e Cultura*, n.º 16
Diretora: Irene Vaquinhas
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

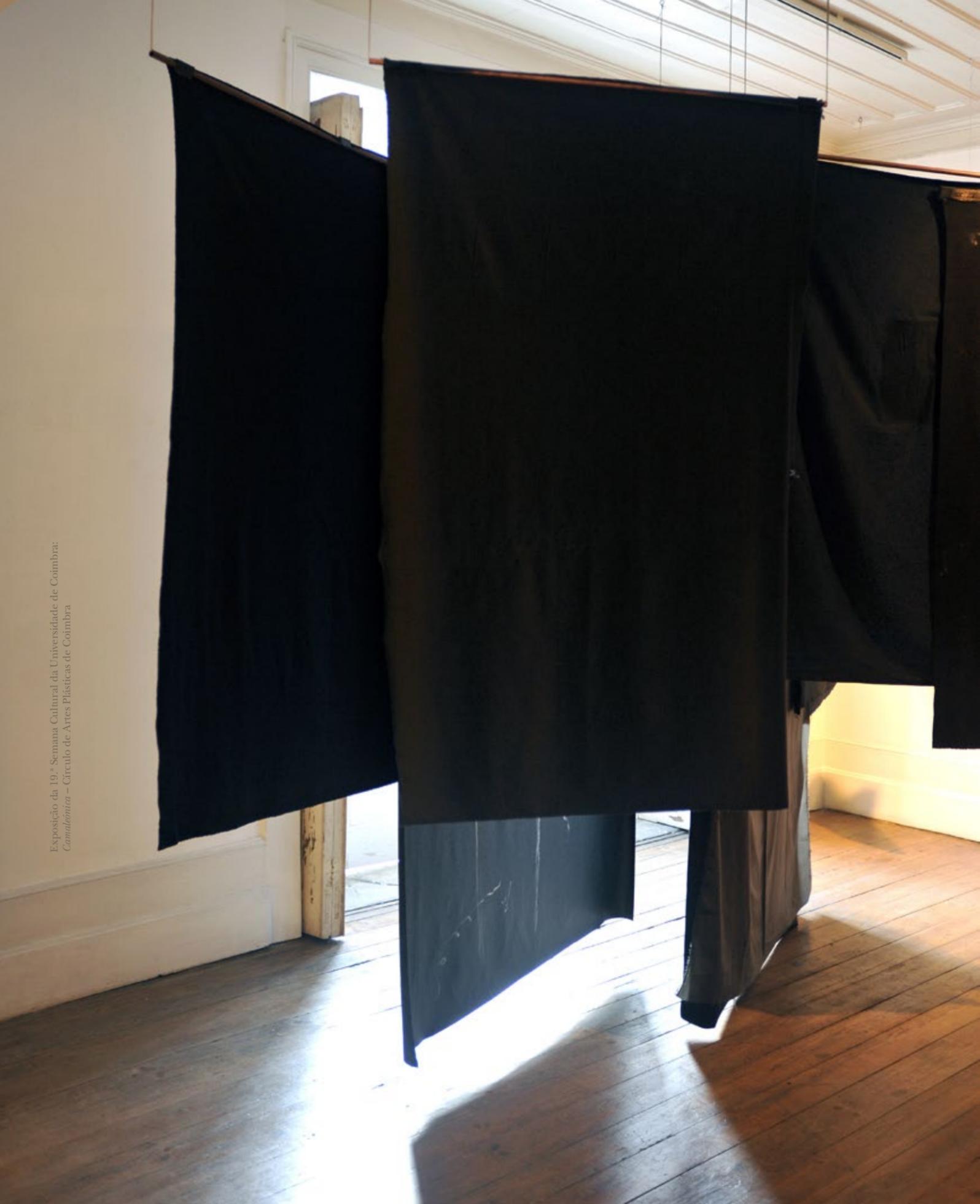
Título: *Humanitas*, Vol. LXVIII
Diretora: Carmen Soares
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Revista de História das Ideias*, n.º 34
Coordenadora: Ana Cristina Araújo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2016

Título: *Atlantis - Review* n.º 13
Coordenador: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2017

67

RL #48 | AO LARGO
lugar dos livros



Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura. Num mundo contemporâneo, claro herdeiro de um processo de globalização, deverá limitar-se o saber a fronteiras territoriais decalcadas em critérios linguísticos? Ou deverá tirar-se proveito de uma língua universal, que coloque no contexto do debate científico a produção nacional? E dissipar-se-á, neste monolinguismo, a identidade e a pureza do pensamento e da expressão? De um lado ou de outro, onde se ganha e o que se perde?

69

RL #48 | AO LARGO

apocalípticos e integrados

MARIA ANTÓNIA LOPES *

publicar em português

É incisivo o texto do *Manifesto em Defesa do Multilinguismo Científico* promovido por professores universitários do Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Espanha e Portugal (aqui dinamizado por José d'Encarnação). Sintetizo os principais argumentos: não pode confundir-se uma língua franca de vocabulário escasso, para uso coloquial e serviços, que é hoje o inglês, com a língua da Ciência. Dentro desta, não é equiparável a mestria linguística necessária às Ciências Naturais e Técnicas com a que é indispensável às Humanidades e Ciências Sociais, nas quais “os matizes do pensamento apenas podem evidenciar-se mediante um amplo conhecimento das palavras e dos seus sinónimos” e de “toda a estrutura gramatical e conceptual”. “O empenho dos administradores da ciência europeia em reduzirem toda a comunicação científica a uma só língua está, pois, a provocar uma rápida deterioração das Ciências Sociais e Humanas.” E há também consequências nefastas no que respeita à credibilidade dos investigadores porque “no nosso mundo, associa-se, automaticamente, a qualidade de expressão à capacidade de pensamento”. Por fim, chamam a atenção para a crescente qualidade das traduções automáticas, o que torna “menos necessário obrigar alguém a exprimir-se numa língua diferente da sua”.

Conto um episódio pessoal para infletir a argumentação. Tendo assistido à minha prova de doutoramento, disse-me alguém da área das Engenharias: “Agora percebi a importância do que fazem nas Letras! Se não forem vocês, mais ninguém o faz. Na minha área, é indiferente que a investigação se faça aqui ou noutra qualquer país. A vossa é que devia ser prioritária nos apoios.” Pois é. Mas mandam-nos escrever em inglês. Para quem trabalhamos, afinal? É assim que cumprimos a nossa missão de serviço à comunidade, a tão exigida (e bem) “transferência de conhecimentos”? É assim que fornecemos os instrumentos de autocompreensão, as ferramentas que permitem intervir para melhorar, exercer a cidadania? A quem forma e interessa prioritariamente a História de Portugal, a sua Literatura, a sua Geografia, as suas Artes e Cultura, a compreensão da sua vida social? Aos portugueses, como é óbvio, e aos leitores dos países lusófonos que conosco partilham parte das suas raízes. E como pode pedir-se a um filósofo que pense e escreva num idioma que não é o seu? É escandaloso valorizar mais uma investigação pelo simples facto de estar publicada em inglês.

Desgosta-me que portugueses se menorizem de tal forma que aceitem publicar em inglês, no seu próprio país, investigações sobre realidades portuguesas. O que é diferente de proferir uma conferência ou publicar noutra língua em países estrangeiros (já o fiz em inglês, castelhano, francês e italiano). Só que esse tipo de trabalhos é, em geral, distinto, como direi. Expressimo-nos numa língua neolatina, riquíssima (para quem a sabe usar), que é o terceiro idioma ocidental mais falado no mundo, ocupando a mesma posição entre as línguas de pesquisa na Internet. Apesar disso, subvaloriza-se o português face ao francês ou ao alemão. O que se faz, precisamente, porque, embora mais falado, se menospreza enquanto língua de Ciência.

Ser internacionalizado – ou melhor, ser cosmopolita, como diríamos se o nosso léxico não andasse desvirtuado por tecnocratas – é estar aberto às culturas e ciências que se praticam noutros países e dialogar com elas. Não é, por contrassenso nos seus próprios termos, ser monolíngue. O monolíngüismo revela e acentua o provincianismo, a tacanhez de perspectivas – o que se aplica a todos, incluindo os nativos de língua inglesa. Porque é na língua-mãe que conseguimos exprimir melhor assuntos complexos e subtilezas de pensamento, os académicos ocidentais da área das Humanidades e Ciências Sociais dignos desse nome têm de ser capazes de ler os colegas que escrevem em línguas românicas.

Contudo, são hoje vulgares as obras inglesas e americanas sobre diferentes aspetos da história da Europa cujos autores só leram o que está produzido em inglês. O que de melhor e mais profundo se escreveu no continente escapou-lhes completamente. Um historiador dos impérios ibéricos incapaz de ler português e castelhano é uma fraude. Não aprendeu nem dialogou com os textos dos investigadores desses países e não leu os documentos da época, bastando isto para que a sua obra não possa ser classificada como historiográfica.

Os estrangeiros incapazes de ler português não são especialistas da nossa cultura e o que lhes interessa é aceder a boas sínteses de investigação séria e cuidadosamente contextualizada. Para esses, sim, o inglês é o veículo. Mas esse tipo de obra não é nem pode ser o nosso trabalho central. Apresentar em inglês, logo de raiz, investigação de ponta em Humanidades é inútil e, sobretudo, devastador para a Ciência e para a nossa identidade.

* Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



JOSÉ PEDRO PAIVA *

publicar em língua estrangeira

Quando as primeiras universidades nasceram na Europa, no século XII, o saber em circulação era, em geral, enunciado em latim. Este idioma já não era língua de comunicação quotidiana em nenhum território europeu, apesar de ainda ser a língua das liturgias cristãs. Ainda assim, mantinha-se como veículo de comunicação de uma *universitas* que não se confinava a fronteiras territoriais decalcadas em critérios linguísticos. A língua não era entrave ao acesso e diálogo em torno de um bem maior que era “o tesouro admirável da ciência”, como em belíssima versão latina comparece no texto de D. Dinis que, pela primeira vez, certifica a existência de uma universidade em Portugal: “scientia thesaurus mirabilia”. Este ambiente perpetuou-se até aos séculos XVII/XVIII. A primeira edição de uma das obras mais marcantes para a afirmação de uma nova visão científica do universo, *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, de Isaac Newton, foi impressa em latim no ano de 1687. Newton era inglês, porém, publicava as suas descobertas em latim, porque era essa a língua de comunicação de uma rede global de conhecimento. Foi no decurso dos séculos XVIII/XIX, também devido ao exacerbamento dos nacionalismos, que as línguas vernáculas se impuseram e destronaram o latim das universidades e do saber que nelas se criava.

No mundo contemporâneo, herdeiro de um processo de globalização cujas raízes remotas entroncam nas viagens marítimas que portugueses e espanhóis realizaram desde o século XV, é incontornável a existência de uma língua que permita a comunicação a uma escala global. Não é assim apenas por um imperativo pragmático, mas até por razões científicas. Se é o juízo crítico e o debate sobre o conhecimento existente que permitem a sua superação, isto é, o estilhaçamento contínuo das fronteiras da ciência, a existência de uma comunidade que à escala global tem possibilidade de comunicar é instrumento indispensável e com uma força criadora poderosíssima. Ora, isto é tão verdade no campo das ciências ditas exatas como nas ciências sociais e humanidades.

Vislumbro outra relevante vantagem, ainda acrescida no caso de países pequenos como é Portugal. É que o uso de uma língua universal ajuda a divulgar, a colocar no contexto do debate científico internacional o que produzimos e

que, tantas vezes está ao nível do melhor que se faz noutros pontos do mundo, mas é ignorado por estar escrito numa língua que não é entendida pela maior parte dos agentes que animam a vida científica universal. Não nos queixemos de que poucos atentam para a nossa produção em História, Literatura ou Antropologia se, nós próprios, invocando até princípios de defesa da nossa identidade, cultura e língua, nos recusarmos a mostrar o que fazemos noutras línguas. Na prática, se não relearnarmos comunicar noutras línguas, ficaremos até numa posição de vantagem acrescida relativa, sobretudo face aos anglófonos, pois revelaremos ser capazes de produzir em português e, igualmente, noutra(s) língua(s). Grande vantagem comparativa.

O facto de se escrever numa língua que não o português implica outro exercício decisivo. É que para permitir que o que dizemos faça verdadeiro sentido é necessário contextualizar e comparar, logo, objetivamente, aprofunda e alarga os horizontes da nossa própria investigação. Simplificando, ajuda-nos a percebermo-nos melhor a nós próprios.

Admito que em algumas áreas de saber, como a Literatura, a História, a Filosofia, a narrativa exige um domínio irrepreensível da língua e até um bom conhecimento da etimologia das palavras, e que há limitações ao nível da exatidão e eloquência quando nos exprimimos numa língua que não é a materna. Mas é preciso admitir, reconhecendo esta contrariedade, que, independentemente da forma, desde que ela seja correta (e há inúmeros modos de o garantir quando não escrevemos numa língua materna), o mais importante quando se produz conhecimento é transmiti-lo, divulgá-lo, colocá-lo ao alcance de todos. O conhecimento nas humanidades não é apenas forma, deve ser sobretudo substância. É isso que deve motivar quem o produz no âmbito das ciências sociais e humanas a torná-lo acessível ao nível da dimensão humana, isto é, a uma escala planetária. É utópico pensar que esta ambição se realizará escrevendo somente em português.

* Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 48
ABRIL 2017

A Rua Larga está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

quem somos ?

19.ª semana
cultural
universidade
de coimbra